



## BRASIL 500 ANOS – CANTO INDÍGENA

*O tufão civilizado  
desnorteara as moradas,  
devastou os rituais,  
desmontou o arco  
e desviou a flecha do seu rumo.  
Perfurados  
e esvaziados  
os sonhos,  
quedou-se inútil  
sem fé e sem destino.*

*Num gesto de rebeldia atávica,  
recordou movimentos arcaicos  
e danças ancestrais...*

*Retomou as armas e as fantasias,  
refez as pinturas,  
olhou os céus,  
clamou por chuvas,  
raios e trovões.*

*No auge da vibração,  
cravou a flecha  
no cheiro da terra molhada  
e caminhou  
ao encontro de seus deuses.*

*Adélia Maria Woellner*

|                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------|----|
| Editorial                                                      | 03 |
| Anais                                                          | 04 |
| A invasão vocabular                                            | 05 |
| O centenário de Gregório Bezerra,<br>homem de ferro e de flor. | 06 |
| Ferro e flor                                                   | 07 |
| 500 anos de Brasil                                             | 08 |
| A lei da mordaca                                               | 09 |
| Médicos                                                        | 11 |
| Qual o diagnóstico, doutor?                                    | 11 |
| Bênção de Deus ou sugestão?                                    | 13 |
| Não pensei estar tão grave, doutor!                            | 16 |
| Posso comer bolachas?                                          | 18 |
| A ética dos médicos e a lei dos genéricos                      | 20 |
| Entre as estrelas                                              | 22 |
| Adilson, o Jabá                                                | 23 |
| A lua é mais importante do que o sol                           | 25 |
| "Descobrimento" do Brasil - Os outros 500                      | 26 |
| Índios - nossos irmãos ancestrais                              | 27 |
| Do país que fomos, do país que<br>somos e do país que queremos | 28 |
| O imobilista                                                   | 29 |
| O casal                                                        | 36 |
| Trilha ecológica - Por quê?                                    | 37 |
| Poesia                                                         | 39 |
| Mãe                                                            | 40 |
| Emílio de Menezes e a Academia                                 | 41 |
| Se pudéssemos voar...                                          | 42 |
| Poetas - Sonham - E amam na vida!                              | 44 |
| O Deus que vive em mim                                         | 45 |
| Leme seguro                                                    | 47 |
| Estrelas                                                       | 48 |
| Brasil 500                                                     | 48 |
| Atroz cidadania                                                | 49 |
| Poesia para você                                               | 50 |
| Suplemento                                                     | 51 |
| O 146º aniversário da emancipação                              | 52 |
| A guerra e a literatura                                        | 55 |
| "Soy, brasileira, senhor, gracias a Dios"                      | 60 |
| Cultura, uma questão de valores                                | 62 |

## INSTRUÇÕES REDATORIAIS

- 1 - A revista ACULFI é publicada sob a orientação do Conselho Editorial, sendo de inteira responsabilidade dos autores os conceitos e idéias emitidos.
- 2 - A publicação será mensal e tem por finalidade divulgação de ensaios científicos, criação e crítica artística.
- 3 - Os trabalhos apresentados deverão ser encaminhados à presidência do Conselho Editorial, que enviará ao Comitê de Revisão.  
A referida comissão poderá aceitar, recusar ou sugerir modificação no texto.
- 4 - Os trabalhos deverão ser encaminhados ao editor, digitados em software, Microsoft for Windows, versão 4.0/Win 95, em duplo espaço, conforme as normas da ABNT. Uma cópia impressa deverá acompanhar em anexo o trabalho gravado em disquete.
- 5 - Os textos necessariamente não deverão ultrapassar 5 (cinco) páginas.

## EXPEDIENTE

Presidente

**Lyrio Bertoli**

Secretário Geral

**José A. Saraiva**

Diretor Cultural

**Ildo Carbonera**

Orador

**Valter Teixeira**

Diretor de Com. Social

**Ralph**

Tesoureiro e Diretor de Patrim.

**José Elias Aiex Neto**

Representante Argentina

**Clara Cruz**

Representante Paraguai

**Victor Manuel Britez**

Conselho Fiscal

**Venturino Savaris****Nanci Rafagnin Andreola****Nathaline Granzotto****Ivette Souza Secundino****José A. Saraiva****Terezinha C. de Oliveira**

Conselho Editorial

Comitê de Revisão

**Ralph Moreira****Valter Teixeira****Ildo Carbonera****A. H. G. Cunha****Terezinha C. de Oliveira****Rosani Scheneider****Raimundo de A. Neto****José A. Saraiva****Martha R. Parahyba**

Endereço

**Rua Benjamin Constant, 62****2º Andar - Sala 21****Fone: 523-6263 - Ramal 19****CEP 85851-380****Foz do Iguaçu - PR**

Diagramação e Impressão

**Grasmil****Gráfica São Miguel Ltda.**

Parabéns a você ...

Em 30 de maio de 1998, foi criada a *Academia de Cultura de Foz do Iguaçu*, e registrada no Cartório Civil sob o número 2.177, em 04.09.98. Portanto, estamos aniversariando.

Participamos de alguns eventos e programas literários, artísticos e científicos. Respeitadas as limitações, buscamos o “belo” na literatura, na música, na pintura e, inclusive, estamos restaurando “lendas”. Membros da Academia editaram livros de poesia, de contos e alguns, de caráter profundamente técnico, analisaram a conjuntura local, regional, com reflexos na América. Como exemplo, citamos o livro Questões Cotidianas de Direito Tributário, com um capítulo específico sobre Foz do Iguaçu. Cremos tratar-se de fato inédito de nossa história, e o autor foi o idealizador desta entidade.

Nossa revista está no sétimo número. Nela escreveram mestres em letras, juristas, médicos, jornalistas, estudantes, músicos, professores, militares, poetas, engenheiros, e enfim, pessoas dos mais diversos pensamentos.

Distanciamos-nos de paixões pessoais e mantivemos neutralidade em questões político-partidárias.

Muito ainda exige nosso Estatuto. Mas, afinal, a uma linda menininha de dois anos deve-se é dar-lhe afeto, calor e carinho. Quando crescer, vai ser linda. Será *sui generis*: traços de muitas raças e conhecimentos de costumes de todo o mundo. Evidentemente evoluirá, como as artes e as ciências. As belezas da terra onde nasceu não a deixarão olvidar sua história e tradição.

Sonhamos com uma Academia de Cultura na qual o registro dos valores positivos do passado, presente e também os do futuro represente, para todos, uma ufania. Como veículo que comunica, minimize os percalços dos dias amargurados, quando o arrebol se apresentar descolorido. Já no amanhecer, ouvindo o silvar dos pássaros, que aumente a alegria e a esperança no viver.

A proposta é de concorrer para o progresso cultural. Progresso de aumento dos fatores positivos, quando interpretar nossa proposição. Os fatores de progresso são diversos. Os financeiros são passageiros, substituíveis. Jamais representarão a perenidade dos valores culturais. Estes, momentaneamente oferecem facilidades no “bem viver”. Os culturais são incomensuráveis: representam a fé, o sonho, o amor. Nasceram e partem com o homem, mensuráveis no sorriso de uma menina de dois anos, como nossa Academia, pois não possui a malícia do mundo, e insubstituíveis, porque sua fonte é a mente e seu cofre é o coração.

**Lyrio Bertoli**

Membro fundador e Presidente da ACULFI

## ANAIS

Uma Academia de Cultura deve registrar os fatos, para que se não deturpe a história, jamais. A Academia de Foz nasceu no Hotel Rafain Centro.

Lá foram realizadas as primeiras reuniões, com total apoio de Casimiro Rafain, seu proprietário, Carlos Antonio da Silva e Rosane Rafain da Silva, responsáveis por seu gerenciamento. Além de serviços de nível internacional, aquela entidade oferece invejável espaço cultural, destacando-se a obra "Lendas das Cataratas", de Nadia Nastas Kanavate, totalmente em bronze, e um acervo de quadros de diversos artistas famosos, destacando-se os da iguaçuense Luceni, de saudosa memória.

Para os anais de nossa história, registramos nosso agradecimento, como ato de gratidão e civilidade.

Foz do Iguaçu, maio de 2000.

A direção da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu.

As Academias de Letras contrairam, no seu estatuto, entre outras obrigações, o compromisso de defender o idioma oficial, preservar a qualquer custo a “última flor do Lácio”, uma espécie de cláudia pétrea a que conferem prioridade absoluta.

Agressões à pureza da língua devem ser revidadas, didaticamente, de maneira a disciplinar seu uso correto, assim como a educar a sua prática diária.

Foi com esse propósito que a Academia Paranaense de Letras encaminhou sugestão à Câmara Municipal de Curitiba, transformada em projeto de lei nº. 236/98, pelo então vereador Ney Leprevost, agora sob os cuidados da vereadora Nely Almeida, determinando que toda publicidade veiculada no município de Curitiba deve ser elaborada estrita e obrigatoriamente, de conformidade com as normas gramaticais oficiais da língua portuguesa e das outras providências.

Levantamento estatístico promovido pela acadêmica Adélia Maria Woellner revelou que são raras as propagandas, por meio de cartazes e afins, em casas comerciais, ou até placas de ruas, de acordo com as regras do vernáculo.

*Por outro lado, a globalização e, por consequência, a força irresistível da mídia, promove uma devastação semelhante, com a incorporação de vocábulos estrangeiros ao nosso cotidiano, num processo de desvalorização progressiva.*

São muitas as palavras de importação incorporadas ao nosso dia-a-dia: *outdoors, deletar, home page, for sale*, enfim estamos nos tornando escravos de um novo vocabulário virtual e extravagante.

*Haverá resistência contra esse ataque tecnolinguístico que provém dessas máquinas maravilhosas e malucas que são os computadores?*

Não sabemos, pois o próprio governo federal se rendeu ao fascínio dessas expressões sofisticadas que soam quais trombetas celestes, como *newsletter, clipping, feeling* e outras, adotadas na correspondência de Secretarias de Desenvolvimento Urbano e de Comunicação Social da Presidência da República.

Esses abusos, todavia, não ficam sem resposta. Há três projetos tramitando na Câmara dos Deputados para colocar um dique à essa enxurrada alienígena, a fim de repor nos devidos lugares o preceito do art. 13 da Constituição Federal, segundo o qual “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil.”

Os projetos de lei, que versam sobre essa mesma matéria, são de autoria dos deputados Aldo Rebelo (PC do B-SP), Jair Bolsonaro (PPB-RJ) e Sérgio Novaes (PMDB-BA) e se encontram nas comissões para os respectivos pareceres.

Atenta a contribuir para cortar a raiz dessa descaracterização vernacular, a Academia votou moção de apoio às três proposições legislativas, confiante que o Congresso Nacional saberá aprovar medidas de proteção a esse “bem imaterial do patrimônio cultural brasileiro”, que é o seu idioma. É difícil, mas não custa tentar.

**Tulio Vargas**

Presidente da Academia Paranaense de Letras.

## O Centenário de Gregório Bezerra, homem de ferro e de flor.

Em 13 de março p. p., comemoramos o centenário de nascimento de Gregório Bezerra, ilustre pernambucano nascido em Panelas, a 200 quilômetros do Recife, falecido em 1983.

A lembrança de Gregório se faz importante, quando se observa, passados anos e anos, que suas idéias e seus ideais estão presentes, não se perderam. Conservam-se atuais. Os conceitos que emitiu em vida foram mal julgados pelos homens de sua época. Após breve letargo, do olvido passou à história.

“Ao som da chibata”, no dizer do escritor José Alexandre Saraiva, Gregório redobrava sua intrépida coragem pessoal, seu caráter firme, inabalável. Respirando a esperança própria dos que se enrijecem com os ventos do nordeste brasileiro, sua rebeldia destemida e justa, influenciou nas organizações políticas e sociais hoje existentes.

Verdadeiro espírito sacerdotal, absorveu para si o sofrimento dos irmãos, e fez de sua luta em prol dos semelhantes, seu próprio ideal de vida. Feito de ferro e de flor... era bravo sem matar gente, mas não temia matador..., nos cantos de Ferreira Gullar.

Membro do partido Comunista Brasileiro, elegeu-se Deputado Federal Constituinte em 1945. Para tomar posse, enfrentou um dilema: não possuía nem terno, nem gravata... Os amigos se cotizaram e o impasse foi resolvido e comemorado numa grande festa ao som do frevo recifense. Em 1947, quando o partido mais uma vez foi posto na ilegalidade, Gregório foi seqüestrado no Rio de Janeiro, em plena Cinelândia, acusado de ter incendiado o quartel do 15º Regimento de Infantaria em João Pessoa, na Paraíba. Um equívoco grosseiro das forças repressoras! Preso, fugitivo, novamente preso, processado, por mais de dez anos viveu na clandestinidade e, em 1959, lá estava o filho ilustre de Panelas, no Recife, assistindo à posse de Cid Sampaio. Nada o abalava. Sempre engajado nos movimentos de massa. Retornando do longo exílio, escreveu Gregório: “voltei à zona da mata, onde recebi as primeiras lições de opressão, para ver milhares de crianças, como dantes, vegetando em meio à maior penúria...”. Era a ótica de Gregório, pregando e lutando por seus ideais socialista. Em 1964 foi preso e arrastado acorrentado, pelas ruas do Recife. Mas os sofrimentos enrijeciam cada vez mais a obstinação exemplar do velho guerreiro, sacerdote e protetor dos mais necessitados e excluídos. Seu lema: pão, terra e liberdade. De cabeça erguida, a exemplo dos heróis da história, lembrava aos seus carrascos: “herói vencido deixa de ser herói”, e de fato, só à morte se rendeu. Homem de luta, organizava associações e ligas camponesas. Recolheu mais de 16 mil assinaturas contra a guerra e contra a bomba atômica. Foi guerreiro contra a guerra e a favor da justiça e da paz.

É com justo orgulho que recordamos o centenário de nascimento de Gregório Bezerra, pois que nasceu em Panelas, “terra natal”

do fundador, ideólogo desta Academia de Cultura, José Alexandre Saraiva, cujos frutos de seu cotidiano já constituem as primeiras páginas de sua história.

Panelas é a Pasárgada pernambucana, onde despontam gentes das artes e das ciências, reis que o tempo se encarrega de coroar, como os irmãos Timoteo, na Guerra dos Cabanos, e agora como está ocorrendo com Gregório Bezerra. Oxalá germinem no coração da juventude brasileira os ideais de justiça e paz, diuturnamente pregados por Gregório, que entre nós sobrevive, aliando-se ao clamor da humanidade.

A propósito, numa justa, oportuna e histórica iniciativa, o prefeito de Panelas, Sérgio Miranda, está homenageando Gregório Bezerra no ano de seu centenário de nascimento. Será construído naquela cidade um monumento, com o fim de eternizar o nome do ilustre filho da “terra dos cabanos”, cujo projeto arquitetônico foi confiado a Oscar Niemeyer. Além disso, será produzido um documentário sobre o “homem de ferro e de flor”, pelo cineasta Luiz Carlos Prestes Filho. Como não poderia deixar de ser, o nosso Saraiva compôs a música “Ferro e Flor”. Oliveira de Panelas, poeta repentista de projeção internacional, foi convidado para compor a letra da música. Sobre esta, brilhantemente manifestou-se seu arranjador, o curitibano Maestro Gio Amaral, dispensando outros comentários sobre a bela música, a qual ouvi e fiquei hipnotizado com sua grandeza, profundidade e fidelidade ao homem Gregório Bezerra e sua luta pelo pão, pela terra e pela liberdade para seus irmãos.

**Lyrio Bertoli**

Presidente da ACULFI

---

## FERRO E FLOR

---

Música de José Alexandre Saraiva, letra de Oliveira de Panelas, com arranjos do Maestro Gio Amaral

“O tema principal traz as notas iniciais do hino nacional brasileiro, mostrando o contexto político-social da obra e também o sentido de brasilidade que norteia esta peça

Uma batida de tambor dá idéia de começo, de caminho, cada-falso, dor, solidão, aridez. Então surge uma voz ao longe, uma nota que cresce, juntando-se a outras, agrupando...; o descompasso inicial dá lugar lentamente a um sentido rítmico de organização; os acordes tomam forma, como o desenvolvimento de um ideal.

Vem o interlúdio, que situa a temática regionalmente, dando também a idéia de chamado, convocação, um “ vamos lá!”

Como um aglomerado de gente, em seguida vem a variação do tema, representada sonoramente pelo acréscimo de instrumentos e uma aceleração rítmica; sutilmente esta dinâmica cai. É o cansaço daqueles que, engajados, desistem na medida em que o medo e as dificuldades vão surgindo; vem novamente a solidão...

Retoma-se o discurso solitário do tema inicial com mais energia que da primeira vez; agora o discurso não tem o âmbito regional, assumindo proporções nacionais, deixando de ter o interlúdio, entrando direto com o mesmo andamento na variação do tema, dando a idéia de movimento e multidão.

A volta ao tema inicial, lento, interrompido na segunda fase musical, termina em uma nota longa; é um eco, que vai longe, é o ideal que nunca termina, é a luta que nunca acaba. É o sonho! Sonho que agora não pertence a um homem só. Sonho que pertence a todo e qualquer homem, sonho de justiça, pão, terra e liberdade.

Sonho de Gregório Sonhador.”

\*\*\*

**Gio Amaral**

Maestro e arranjador

---

## 500 ANOS DE BRASIL

---

O que se viu no dia 22 de Abril de 2000, foi bem significativo do Brasil atual. Em toda a história, no passado a aristocracia sempre esteve no poder ou fez a sua manipulação. Sempre esteve de costas para o povo.

A República mostra uma elite, não definida, muito menos conhecida, que sempre está contra o povo brasileiro. Essa elite, encastelada em seus palácios, rodeada não mais da nobreza parasitária, mais de uma tecnocracia universitária, exibidora de seus títulos acadêmicos, encontra-se completamente distante do povo.

O resultado de tudo isso foi o lamentável acidente que assistimos dos órgãos repressivos jogando-se violentamente contra os índios. Nem os portugueses fizeram semelhante ato, em 1.500. Ao contrário, procuraram a aproximação com os indígenas.

Da mesma forma que a Nau Capitanea não conseguiu navegar nem meros 10 kms. Conseguimos o vexame da cena que se assistiu. Imagina Cabral navegando nessa nau, certamente nunca, jamais teria nos encontrado.

Esse é o Brasil dos 500 anos. O tempo foi contado cronologicamente, sem o menor sentido histórico. O presidente da República isolado do povo que sofria dura repressão, ao que tudo indica porque desejava um contato com ele. Assim 500 anos depois o povo não assiste a cena principal comemorativa e festiva do nascimento do Brasil.

Que Brasil estava sendo comemorado? Muito mais a constituição de um Estado do que a Nação brasileira que não teve lugar nessa festa. Repete-se, assim, a cena histórica tradicional: o povo é sempre o grande ausente nos principais fatos como a Independência, República e mais modernamente a participação democrática do poder.

Avançaremos quando nos despirmos desse complexo de inferioridade, no dizer do jornal *The Economist*, comentando os fatos referentes aos festejos dos 500 anos. Somos uma nação original, com um povo único, o brasileiro. Tem nas veias e na cultura várias procedências e toda essa miscigenação é capaz de criar uma Nação muito original. Evidente que ainda não superamos determinados preconceitos quer se refiram aos indígenas – a violência assistida é prova disso –, quer aos negros, mulheres e várias minorias.

Nos 500 anos futuros teremos um encontro obrigatório entre o Brasil e seu povo, entre o Estado e a Nação, superando diferenças, preconceitos e o escândalo das imensas desigualdades sociais. Que essa indignação pelo acontecido desperte a todos para a grandeza do povo brasileiro.

**José Afonso de Oliveira.**

Membro Fundador da ACULFI

---

## A Lei da Mordaca

---

Este é um País onde muitos projetos de leis são criados sob o argumento de proteção à sociedade e ao cidadão, quando, na verdade, podem estabelecer exatamente o contrário.

O projeto de lei em tramitação no Congresso Nacional, já aprovado pela Câmara Federal, e aguardando votação no Senado, denominado “lei da mordaca”, tenta impedir que a sociedade possa acompanhar investigações comandadas por diversas autoridades. Vale lembrar que a mordaca é definida como um objeto em que se tapa a boca de alguém para que não fale nem grite, sendo uma repressão à liberdade de escrever ou falar, um arrocho.

Pretende-se introduzir alterações na lei nº 4.898, de 09.12.65, que regula os casos de crime de abuso de autoridade. O legislador objetiva que também seja considerado abuso de autoridade “*manifestar o magistado, o membro do Ministério Público, o membro do Tribunal de Contas, a autoridade policial ou a autoridade administrativa, por qualquer meio de comunicação, opinião sobre investigação, inquérito ou processo, ou revelar ou permitir que cheguem ao conhecimento de terceiros fatos ou informações de que tenha ciência em razão do cargo e que violem o interesse público e o sigilo legal, a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas.*”

Infelizmente muitas investigações importantes somente prosse-

guem quando a sociedade toma conhecimento dos fatos que estão sendo apurados, que tornam-se públicos, principalmente, pelo papel desempenhado pela imprensa responsável que, em nome da sociedade, cobra providências por parte das autoridades. O projeto pretende impedir que se estabeleçam vínculos entre autoridades e principalmente a imprensa.

A título ilustrativo, é de indagar-se: no caso da máfia dos fiscais de São Paulo, se a imprensa não tivesse noticiado e acompanhado as investigações comandadas por jovens Promotores de Justiça, alguém teria sido preso e perdido o mandato parlamentar? No recente caso do escândalo dos Bingos, das propinas e da lavagem de dinheiro dos jogos, se a imprensa não tivesse noticiado os trabalhos de investigação, inclusive de um Procurador da República, tornando-se o caso de conhecimento público, alguém acredita que alguma providência concreta teria sido tomada?

Se abusos acontecem por parte de determinadas autoridades, ao tramitarem informações precipitadas, estas merecem severas punições, mas os abusos certamente não são superiores aos acertos constatados, quando grandes investigações tornam-se públicas impedindo-se pressões e acobertamentos. O artigo 5º da Constituição Federal dispõe através dos seguintes incisos: XVI - *“é assegurado a todos o acesso à informação e resguardado o sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional”*, LX - *“a lei só poderá restringir a publicidade dos atos processuais quando a defesa da intimidade ou interesse social o exigirem”*.

Afinal, o que é que deve ser mantido em sigilo sob o argumento do interesse público? Será que é de interesse público que seja mantido em segredo a investigação, por exemplo, do caso da construtora Encol que leu inúmeros mutuários, sob o pretexto de não se violar a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem dos seus proprietários e antigos controladores?

Na prática poderá ocorrer de a imprensa divulgar determinada investigação, sem que, no entanto, informe a fonte, conforme garante o sigilo da Constituição.

Espera-se que o Senado Federal analise melhor as verdadeiras razões deste projeto de lei, que institui de forma mascarada a volta da censura, aliás no caso do Paraná já temos a confirmação de que o Senador Álvaro Dias votará contrariamente ao Projeto.

Finalmente, há de indagarmos: quando as investigações estiverem a cargo do Congresso Nacional, principalmente através das CPIs, os senhores parlamentares também estarão impedidos do fornecimento de informações, por qualquer meio de comunicação, dos trabalhos em andamento?

Efetivamente irão cumprir a ordem legal quando esta exigir sigilo legal, distanciando-se dos holofotes da mídia, protegendo o direito à imagem de terceiros?

**Paulo Gomes Júnior**

Procurador do Estado, Chefe Regional de Foz do Iguaçu e  
membro da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu/PR.

*Formado no curso de Medicina em 1976, exercendo ininterruptamente esta **nobre mas árdua missão**, vivi incontáveis e inesquecíveis momentos, junto de pacientes e familiares. Sofridos, ora resistentes e corajosos, ora fracos, débeis e deprimidos. Nos momentos difíceis se conhece a verdadeira **têmpera** do indivíduo, sua fibra, sua garra e capacidade de fé e confiança. Tendo, em registro da memória, passagens interessantes, resolvi resgatar algumas destas histórias, representativas de situações trágicas, ternas, místicas ou, por vezes, até hilárias.*

*Lembro, neste momento, de meu pai, também médico, meu guia espiritual, meu amigo etéreo, meu conselheiro incorpóreo. Assim como faço neste momento, queria ele registrar as suas experiências profissionais, eternizar momentos da sua e de outras vidas. Infelizmente para nós, sua família, muito precocemente foi convocado por Deus para que, do alto e ao Seu lado, melhor pudesse nos acompanhar, vigiar e, principalmente, abençoar.*

- A você, meu Pai, ofereço com humildade minha intenção, este singelo trabalho, como forma de início de um objetivo, que já era seu. Saiba, meu Pai, que **em cada vivência de médico, sinto como se reencontrasse sua presença física** porque, a cada passo que dou, tenho a impressão, ou certeza, de seguir os passos que já eram seus.

Nesta edição da Revista da ACULFI dou seguimento às histórias que antes já iniciara.

**Valter Teixeira**

Membro Fundador da ACULFI

## QUAL O DIAGNÓSTICO, DOUTOR?

Instalado há pouco tempo na cidade de Foz do Iguaçu, **médico novo e desconhecido**, comuns eram as provocações amistosas, os questionamentos complexos ou mesmo olhos atentos de alguns, no desempenho profissional que ora passava a dar início. Certa feita, colocado a postos em consultório particular, sala vazia e cabeça cheia de pensamentos, eis que, de sopetão e sem aviso, adentra um colega de mesma clínica e, inquisitivo, pergunta:

- O Senhor está de plantão e chega de urgência um paciente com mordedura de ofídio do gênero Botrópico, com inoculação do veneno intra-venosa em região de tornozelo. **Qual a sua conduta terapêutica?**

- Respondi, de pronto, que imediatamente administraria Soro Anti-Botrópico e, em seguida, medidas de suporte.

- Em que dosagem, perguntou?

- E por qual via?

Após minhas explicações, aparentemente satisfeito, retirou-se tal como entrou.

**Novamente recolhido aos vazio e silêncio de minha sala,** estava a pensar no cômico e na surpresa da situação daquele momento. Muitos desafios estavam para ser vencidos, a conquista da confiança profissional, a utilização de técnica correta, a dedicação e presença constantes que se exige sempre dos profissionais da medicina; cursos, estudos, congressos, pesquisas, atualizações; plantões, cirurgias, pronto socorro, consultório, chamados noturnos ou a qualquer hora. Sentia-me energizado para cursar caminho tão espinhoso mas, com natural expectativa ansiosa daqueles que recém iniciam um novo e longo percurso.

**Absorto em minhas idéias,** ouço um abrir sonoro da porta de meu consultório e vejo o entrar de uma cabeça apenas que, recurvada, ligava-se a um corpo posto no além porta.

- O Senhor, doutor, recebe um paciente que apresenta um exame parcial de urina trazendo as seguintes alterações: leucocitúria acima de 50 por campo, cilindros hialinos, raros cilindros leucocitários e ausência de bacteriúria.

- Qual o seu diagnóstico, doutor?. Perguntou de forma dura, desafiando meus conhecimentos mas eu sabia, embora no fundo do meu peito, tratar-se de brincadeira entre médicos e que trazia disfarçada, uma forma de aproximação entre novos colegas. Interessante notar que, nenhuma das perguntas eram de minha especialidade, embora ambas de resposta elementar.

- Um exame isolado tem valor relativo, respondi. Precisarei conversar melhor com este seu paciente e, após adequada anamnese, certamente solicitarei exames complementares.

- Que exames doutor?

- Várias são as possibilidades, no entanto, apesar da bacteriúria negativa, com certeza solicitaria uma urocultura.

- Muito bem doutor, por enquanto estou satisfeito. Imediatamente “desangulou” sua cabeça colocando-a novamente vertical ao corpo e retornou ao seu ambiente de trabalho.

**Sentindo-me pressionado, resolvi entrar no espírito da brincadeira** e, decidido, caminhei a passos firmes, abri com força a porta do seu consultório, entrei sem licença pedir e, altivo, seguro e também desafiador, lancei também uma pergunta mas, diferentemente, própria da sua especialidade.

- *O Sr., doutor, encontra-se de plantão e recebe paciente jovem, do sexo masculino, com história recente de ataxia cerebelar, hemiparesia desproporcionada esquerda, quadrantopsia superior direita e alteração do nível de consciência. Qual sua hipótese diagnóstica, doutor, perguntei sem dó! Silêncio e meditação. Você poderia repetir por favor?. Novamente informado de tais alterações, colocou-se pensativo e analisou as possibilidades de diagnóstico diferencial.*

- O que “me pegou” foi esta quadrantopsia!. . Rapaz, nesta você me derrubou, não tenho idéia do diagnostico.

- Qual a resposta? Esta eu não estou captando!

- Inflexível, disparei crítica ao seu mau desempenho e, “bondoso”, disse que daria mais algum tempo para que pudesse recuperar sua credibilidade e “honra” profissionais. Girei em 180 graus e retornei “vitorioso” à minha silenciosa sala. Dez minutos após, sou procurado em “minha toca” e, preocupado, aquele colega assim se colocou:

- Olha, eu analisei as várias possibilidades mas não consigo fechar este diagnóstico. Rapaz, nesta você me pegou! Tira logo a minha curiosidade, estou impaciente para saber do que se trata.

- **Você não sabe mesmo? Perguntei decepcionado.** Pois muito bem, já que o “Senhor” admite não ter capacitação, vou clarear seus conhecimentos!. A resposta é muito simples, ou seja, preste bem atenção e não mais esqueça! Eu também não sei, porque tudo não passou de uma invenção, uma bela criação, para que a minha “honra” ficasse recuperada. Silencioso me observou, sacudiu a cabeça e disse:

- Devo considerar que esta eu perdi.

Trabalhamos quase dez anos lado a lado, incontáveis vezes estudamos em conjunto e resolvemos as incógnitas da medicina. O tempo não liquidou nossa vontade de brincar e permitiu um profundo respeito de um pelo outro. **Enfim, de médico, poeta, “criança” e louco, todos nós temos um pouco, não é verdade?**

V. T.

---

## BÊNÇÃO DE DEUS OU SUGESTÃO?

---

Era um domingo ensolarado, mescla de preguiça e sono, pelos idos de 1985, quando a monotonia foi quebrada por um telefonema do Pronto Socorro da Santa Casa Monsenhor Guilherme.

Doutor, está aqui um engenheiro que refere dor abdominal e solicita o seu atendimento.

- Diga, por favor, que logo estarei aí.

Precisei despir-me daquela madorra de fim de tarde. Em minutos, deparei-me com um simpático casal, visivelmente preocupado com a situação que se apresentara. Feitas as apresentações iniciais, procuramos detalhar o acontecido. O paciente, de trinta e cinco anos, educado, atitudes comedidas e bem dosadas, relatava a sua queixa, modo de apresentação e data do início.

- *Estou com uma dor abaixo da linha das costelas no lado direito da minha barriga, doutor. Iniciou a dois dias e estou preocupado porque está piorando. Acredito ser um problema do pâncreas por-*

que iniciou depois que comi alimentos mais fortes.

- Segui desenvolvendo a rotina de anamnese, obtive informações adicionais e imediatamente iniciei o exame físico. Os sinais vitais encontravam-se estáveis, a parede abdominal flácida, não havia massa palpável nem tampouco sinais de irritação peritoneal. Os ruídos hidro-aéreos eram normo-audíveis e não havia timpanismo. Em resumo, ao exame físico do abdome, não era possível até aquele momento, definir um diagnóstico. Por outro lado, ao proceder exame de tórax, observei diminuição do murmúrio vesicular e macicez no hemi-tórax direito. Havia, portanto, sinais de líquido acumulado no peito daquele paciente, ou seja, um importante **derrame pleural**, seguramente maior do que 01 litro.

- Na sequência indiquei exames complementares e de imagem. Removido para o **Setor de Radiologia**, solicitei várias estudos que confirmaram o diagnóstico clínico. Não devidamente satisfeito, repeti algumas incidências por segurança, bem como provas específicas, em posturas adequadas, para que não houvesse nenhuma dúvida. **Definitivamente confirmado: derrame pleural direito de etiologia a esclarecer.** Sabíamos tratar-se de volume líquido considerável no tórax daquele paciente, mas era necessário ainda, esclarecer sua causa, sua origem e etiologia.

- Já eram 7 horas da noite quando concluídos os primeiros testes. Informei ao paciente que, tratando-se de doença torácica e, portanto, afeta a outra especialidade, ele seria medicado durante a noite e logo a seguir transferido para um **Serviço de Pneumologia**. Embora o doente pensasse que o problema fosse de ordem gastroenterológica, a primeira avaliação demonstrou tratar-se de doença pleural e portanto de âmbito dos Pneumologistas.

Respondi perguntas da esposa do paciente acerca da doença de seu marido.

- O que o senhor acha que é doutor?

- Existem varias possibilidades, melhor será aguardarmos os exames necessários.

- Poderia ser um câncer doutor, por favor, seja sincero!

- Não há condição de afastar esta possibilidade. Posso afirmar, no entanto, que parece tratar-se de doença primária da membrana pleural. As radiografias não demonstram, em princípio, doença dos pulmões, mas apenas da membrana que os reveste. Entre os múltiplos diagnósticos aventados, varias possibilidades apresentam-se, tais como doenças inflamatórias, infecciosas ou mesmo tumorais embora mais remotamente. É muito precoce para qualquer afirmação mais objetiva, vamos aguardar os próximos exames.

Despedi-me do casal e dirigi-me para o estacionamento do Hospital. Caminhava pensativo e reflexivo com os acontecimentos do dia. **A labilidade da vida sempre me impressionara, mas era o comportamento humano, com suas imprevisíveis e variáveis manifestações, que me sensibilizava e fazia pensar nas sutilezas das relações.** Che-

gando ao carro, distraído e absorto, fui tomado por estímulo subjetivo, de forte impacto, avassalador. Algo não explicável, me orientava a retornar àquele apartamento e checar novamente a situação de meu paciente. Batidas leves, passos cautelosos e deparei com cena comovente. Paciente e esposa com outro casal, mãos dadas, em pé, rezavam em voz alta, olhos fechados, fâscias de súplica. Permaneci em silêncio mas, em breve momento, a mulher daquele doente aproximou-se e mostrou-se enfática e sofrida.

- **Tenho certeza que Deus vai nos ajudar, doutor!** Nós rezamos com muita fé pedindo que meu marido ficasse curado, acredito piamente que Ele vai nos atender! Limitei-me a dizer que aquilo era tudo que eu também queria e retornei ao estacionamento. No dia seguinte, bem no início da manhã, procedi a burocracia de transferência para o outro Hospital, conforme combinado anteriormente. Laudo de encaminhamento, radiografias, exames laboratoriais, transferência realizada. Duas horas após, exatamente às 9 horas da manhã, recebo um telefonema de meu amigo Pneumologista.

- Examinei as radiografias e concordei com o diagnóstico de derrame pleural, no entanto, preciso lhe fazer uma pergunta. Desculpe a indelicadeza, mas não houve trocas de exames na Santa Casa?

- Tenho certeza que não há essa possibilidade, porque acompanhei pessoalmente o paciente durante a confecção dos exames radiográficos e, de própria iniciativa, coloquei os mesmos em envelope adequado que foi entregue à família. Antes de sair do Hospital, novamente conferi os resultados e afirmo tratar-se dos exames originais. Mas, por que tal pergunta?

- Acontece, que aqui eu também acompanhei o paciente durante exames na Radiologia, repetimos varias incidências, e posso afirmar que não há mais nada, desapareceu todo o derrame pleural.

Incrédulo e surpreso, também perguntei se ele estava seguro de tão séria informação?

- Absolutamente seguro, além do que os exames foram de ótima qualidade técnica.

**Perplexo e maravilhado, fiquei a divagar sobre a capacidade da sugestão, o potencial infinito da mente humana, o poder de alavanca da dor e sofrimentos.** Recusava-me, por certo, a admitir a influência do divino, a possibilidade do espiritual, a mão de Deus naquele episódio curioso e pouco comum. Lembrei-me de um grande amigo, o **Padre católico Vitor Bertoli**, Filósofo e professor universitário na cidade de São Paulo, que dizia:

- “Deus atua através de infinitas maneiras exerce Sua influência por caminhos que fogem da consciência humana. Quem pode garantir que Ele não se manifeste também através da força da sugestão, trabalhando no plano inconsciente e operando verdadeiros milagres nas pessoas? **Quem pode duvidar que esta força tão conhecida pela Parapsicologia, não seja uma expressão do divino?**”

Não esquecendo a técnica, combinamos, eu e meu colega Pneu-

mologista, que determinaríamos um protocolo de acompanhamento daquele paciente, acadêmico e rigoroso. Leváramos às últimas instâncias a investigação clínica e trataríamos de confirmar, em nível científico, tal diagnóstico e, principalmente, ficaríamos atentos para a aparente e real cura daquela doença. Dias, semanas e meses passaram. Paciente assintomático e exames todos normais.

Para nós médicos, o elemento predominante neste episódio foi a cura da moléstia, o bloqueio da angústia, o cessar do medo e a recuperação da esperança. O retorno ao lar, às atividades profissionais e à alegria de viver, constituem a grande recompensa do trabalho que exercemos, a justificativa dos sacrifícios e privações. No entanto, no fundo de minha consciência, ficou uma indagação instigante: seria apenas e tão somente um fenômeno humano, um processo de sugestão ou haveria algo de espiritual, promovido por mãos superiores? O elemento preponderante seria a melhora clínica de uma pessoa ou um encontro com Deus?

Estar vivo já é em si um mistério. Pensar sobre a vida extrapola a Ciência e a Filosofia, transporta para um mundo imaterial, de limites intangíveis à pequenez do homem. Analisá-la é estudar o mistério de si próprio, muito mais do que dissecar células, decifrar códigos genéticos e entender fenômenos bioquímicos. Entender a vida, exige compreender o impulso inicial, o elemento original, o primeiro e insondável momento.

Trocando opiniões com o Arcebispo de Porto Alegre, **Padre Altamiro Rossato**, Filósofo, Antropólogo, acadêmico e eterno pensador, de formação ortodoxa, recebi a seguinte posição, com a qual sempre concordei:

- “Os chamados milagres constituem fenômenos raros e devem sempre ser minuciosamente avaliados e confirmados no tempo. Em princípio, todos estes fenômenos tidos como milagrosos, nada mais são do que efeitos da própria mente das pessoas, consequentes da natureza humana e não divina.”

Naquele dia, retornei com suave paz em meu coração e agrade-ci ao Deus do Universo o privilégio de respirar, pensar e ter esperança.

**Fenômeno humano ou benção divina? Como julgar?**

V. T.

## NÃO PENSEI ESTAR TÃO GRAVE, DOUTOR !

Ano de 1987, Rio Grande do Sul, simpática **Porto Alegre**, da Rua da Praia, Rio Guaíba, Praça da Redenção, Viaduto da Borges de Medeiros. Porto Alegre do Beira Rio, Olímpico e Morro Santa Tereza, local da mais bela visão do todo; do dourado do Guaíba, das lanchas, barcos e veleiros; dos arranha-céus multicores, ruas vivas, brancas luas; berço de Universidades consagradas, solo de Indústrias de porte, porto de

navios do além mar.

Terra que me viu nascer, onde doze anos vi, vivi, convivi, cresci. Cursava, naquele tempo, o primeiro ano de pós graduação em cirurgia no **Hospital Nossa Senhora da Conceição**, enorme, 1.200 leitos, sendo mais de 300 apenas para as áreas cirúrgicas. Fluxo intenso de médicos, enfermeiros, técnicos, para-médicos, administradores, seguranças, macas, ambulâncias, zeladoras, religiosos, visitantes e, é claro, pacientes.

Informado dos procedimentos cirúrgicos previstos para o dia seguinte, retornei à casa, pensativo e decidido a revisar as técnicas operatórias correspondentes. Banho revigorante, jantar trivial de fim de noite, sono merecido e necessário. Despertar precoce, antes do sol no horizonte surgir. Roupas brancas, retôrno ao Hospital, Bloco Cirúrgico, paciente em mesa. Senhora de meia idade, com indicação operatória para tratamento de úlcera péptica gástrica. Minha atividade seria a de primeiro auxiliar do médico residente do segundo ano de cirurgia.

Sala preparada, equipe a postos, anestesia, cirurgia iniciada. Procedimento de rotina, ressecção gástrica parcial, anastomoses, sutura da parede abdominal, término da intervenção cirúrgica. Técnica correta, rápida recuperação do sono anestésico, duas horas após, paciente em quarto. O cirurgião, por mim acompanhado, dirigiu-se àquela paciente para informá-la dos resultados imediatos. Médico jovem, competente, porém prolixo e técnico-detalhista.

- “Dona Tânia(nome fictício), fizemos a cirurgia e saiba, tudo correu muito bem. Fique tranquila porque realizamos uma Gastrectomia Sub-total, Billroth II, ‘a Hoffmeister/Finsterer, transmesocólica e isoperistáltica. Dona Tânia, não tenha preocupações porque fizemos reconstituição do trânsito em dois planos de sutura, sendo o primeiro total, com Fio de Cat-Gut Cromado, 02 zeros, com agulha gastro-intestinal e o segundo, com Mercilene, também 02 zeros e agulha atraumática, interessando apenas a camada sero-muscular. Fizemos ainda uma boa fixação no Meso-Colon Transverso. Saiba, ainda, que administramos antibióticos potentes. Associamos uma Cefalosporina e um Aminoglicosídeo.”

**Na medida em que ele falava, a paciente emudecia, agravava o olhar e expressão facial, que se apresentava fúnebre, soturna, aterrorizada, angustiada, como alguém que fica sabendo estar com a vida em risco. Preocupada, aflita e tensa, disse imediatamente:**

*Doutor, eu não imaginei que o meu caso era tão grave, o Senhor falou Grego mas sinto que estou condenada.*

*- Tudo o que o Doutor tentou lhe dizer, Dona Tânia, é que a úlcera foi retirada e a Senhora vai ficar boa, disse-lhe eu amenizando a inquietação.*

*- Oh! Graças a Deus, então estou salva!*

*“Quem não se comunica se trumbica, dizia o Chacrinha”.  
Quem mal se comunica, se complica, digo eu.*

V. T.

A noite estava fria e escura, quebrada em seu silêncio pelo ruído do vento e da chuva. Pessoas agasalhadas, passos rápidos, a proteger-se da agressividade do clima hostil. Santa Casa lotada em seus quartos e enfermarias, ocupados por duas forças antagônicas, a morte espreitando alguns e equipes médicas a proteger a vida, impedindo ou retardando o inevitável.

Eram 22 horas, quando fazia visita de rotina aos meus pacientes, tiritando tanto quanto todos os outros. Bati na porta de um dos apartamento e entrei cuidadoso.

- Como vai? Perguntei àquele jovem paciente, trinta e poucos anos, deitado a fitar-me e cercado de um quarto silencioso.

- Bem, respondeu-me. Não sinto dores e pude comer sem dificuldades. Fiz exercícios com o Fisioterapeuta e caminhei um pouco mais do que ontem.

- Fico muito satisfeito, respondi, é muito importante que tenha consciência da necessidade de reagir e combater a tendência de inércia. Sei que é difícil passar por tal experiência, mas temos o consolo que todo o sacrifício será válido para sua recuperação.

- Observava, ao lado daquele paciente, enorme variedade de guloseimas, frutas e outras iguarias. Perguntava se podia comer gelatina, ou pudim, ou mamão. Disse ter tomado iogurte e suco de frutas. Perguntou se podia comer bolo, e tomar chá, e leite, e bebida energética.

- Veja, disse com voz fraterna, as pessoas muito doentes não sentem fome. Pelo seu apetite passo a considerar que sua saúde já retornou e ocupou o devido lugar. Tenha uma boa noite, um sono bom e, espero, boa digestão depois de comer tantas coisas gostosas. Logo pela manhã retornarei e programaremos o dia da alta.

- Ruas inundadas, bueiros transbordantes, carros circulando de vagar. Foz estava alagada pela fria chuva de inverno. Banho quente, aconchego de roupa macia, gostosa sopa aguardando. Telefone toca, desestabilizando minha paz.

- O paciente operado do estômago está exigindo sua presença no Hospital, doutor!

- O que aconteceu, perguntei?

- Não sei ao certo, mas ele foi muito intenso em pedir o seu comparecimento.

- Por favor, retorne, vá até ele e diga que eu gostaria de saber o que se passa. Fiquei em linha aguardando resposta e pensando sobre as possibilidades. Teria havido complicação da cirurgia? Estaria com dor? O que teria acontecido?

- Doutor, ele se mostra muito irritado e disse que, se o senhor não vier ao Hospital, ele vai tomar providências sérias.

Perplexo e preocupado desfiz-me das vestes macias, esqueci a sopa quente e dirigi-me à garagem. Fiquei tão molhado como as ruas e

gelado como a sopa que no retorno me esperaria.

Caminhei rápido pelos corredores longos da Santa Casa, impaciente para desvendar aquela dúvida. Entrei naquele apartamento e, surpreso, deparei-me com meu paciente acostado, cabeceira elevada em 45 graus, mãos elevadas como em apoio para a cabeça.

- O que aconteceu, perguntei preocupado?

- O que acontece, doutor, é que eu fiquei sem sono, e pensei, **será que posso comer bolacha?** Como não sabia, chamei o senhor para dizer se posso ou não.

- Indignado apresentei expressão de revolta. Se você tivesse me acordado, para perguntar por telefone tamanho absurdo, já estaria sendo tremendamente indelicado para comigo, agora, exigir presença no Hospital, fazendo ameaças eu não aceito e não tolero. Você tem inúmeros alimentos ao seu lado e de modo algum há justificativa para atitude tão agressiva.

- Eu estou lhe pagando e chamo a hora que bem entender, respondeu, desafiador.

- Pois fique sabendo que minha dignidade não está à venda por preço nenhum, não aceito ofensas e, caso não concordante, transferirei seu caso para outro médico.

Profundamente irritado e pronto para o “bote da cobra”, recuperei, mesmo contra a vontade, um pouco de minha coerência e pensei ser incongruente o comportamento que se apresentava. Nem frio mais sentia. Meu sangue circulava conforme as batidas mais rápidas de meu coração e aquecia meus ímpetos que continham-se, naquele momento, apenas pela força da razão. O olhar provocativo daquela pessoa me colocava atônito e sem entender a situação.

- O que está acontecendo, interroguei?

- Nada além da vontade de comer bolacha, respondeu.

- Você está preocupado com a cirurgia?

- Já lhe disse que não sinto problemas.

Na medida em que olhava com mais cuidado, observava olhar inseguro, gestos vacilantes e, principalmente, profunda tristeza a transparecer e se mostrar mais nua.

- Onde está a sua família? A sua esposa não pôde lhe acompanhar?

- Neste exato momento, percebi um corpo curvar-se em posição fetal, como se auto-abraçando, mostrando fascies depressivo e olhar úmido como a chuva que não parava.

- Sentei na borda de sua cama e vi sua cabeça buscar apoio em minha perna, como criança que pede colo ao pai. Silêncio e lágrimas. Soluçar que balançava aquele corpo que não mais se importava com as dores da cirurgia.

- Por que minha família me deixou tão sozinho! Por que minha mulher não veio?

- Doutor, fica um pouco comigo, por favor!

Deixei o tempo passar, ofereci o apoio de minha presença e,

silencioso, percebi a ira abrandar, o frio não tocar e a fome não reclamar. Meu paciente, ora calmo, agradeceu com surpreendente reconhecimento minha atitude que, vamos convir, poderia ter sido rude, precipitada e, principalmente, nada profissional.

V. T.

## A ÉTICA DOS MÉDICOS E A LEI DOS GENÉRICOS

A ética é a instituição que estabelece direitos e deveres nas relações que temos com Deus e com os outros humanos. Apesar de ser um artigo meio fora de moda em nosso país nos últimos anos, temos que resgatar o sentido ético no funcionamento da sociedade brasileira, sob pena de vermos o caos se instalar em toda sua magnitude, aniquilando qualquer possibilidade de virmos a ser uma nação de primeiro mundo.

O médico a todo momento é questionado a respeito da sua ética profissional. Apesar de a sociedade cobrar mais deveres do que garantir direitos aos médicos, não há por parte da grande maioria dos profissionais da Medicina um exercício da cidadania no sentido de contribuir para o aprimoramento ético da sociedade. Por sermos questionados continuamente a respeito da ética, deveríamos ser a categoria profissional que liderasse o resgate da mesma em nossa sociedade. No entanto, não é isso que acontece, pois poucos médicos se manifestam nesse sentido. Geralmente os que o fazem são dirigentes de entidades médicas como as associações, os sindicatos e os conselhos.

Há vários anos o Brasil vem discutindo a implantação de uma lei a qual deu-se o nome de “Lei dos Genéricos”. Depois de manobras e mais manobras por parte do poderoso lobby da indústria farmacêutica multinacional, que aufera lucros fabulosos com a doença do povo brasileiro, finalmente o Presidente da República sancionou a tão aguardada lei. No entanto, continuamos a ver uma série de forças extremamente poderosas tentando impedir a execução do que prevê a mesma.

Os argumentos são inúmeros, e incluem a alegação de que o Ministério da Saúde não tem estrutura para fiscalizar a qualidade dos medicamentos fabricados no Brasil e a Lei dos Genéricos iria favorecer os laboratórios de “fundo de quintal”, que fabricam os populares b.o. Os que brandem tal argumento não são capazes de pensar que tal problema se resolve exigindo a moralização da vigilância de medicamentos e da participação da indústria farmacêutica séria, criando um sistema de auto-regulação.

Há poucos dias ouvi um proprietário de farmácia dizer que seus funcionários não teriam condições de conhecer os medicamentos pelos nomes dos saís que os compõem. Argumentei com o mesmo que, da mesma maneira que ele expõe os remédios nas prateleiras de sua

farmácia por ordem alfabética das marcas comerciais, tal critério poderia continuar a ser adotado, simplesmente colocando em ordem alfabética os diversos sais e agrupando as marcas comerciais em torno dos mesmos.

Na verdade, o que se observa é uma grande má vontade de vários setores da comunidade para que a Lei dos Genéricos seja efetivamente implantada. Há também um consenso em torno da constatação de que dependerá muito dos médicos o sucesso de tal empreitada. Se os médicos não contribuírem começando a receitar os medicamentos pelo seu nome genérico, dificilmente a lei terá sucesso.

As instituições representativas dos fabricantes e vendedores de medicamentos estão tentando desesperadamente impedir que a referida lei tenha sucesso. Suas táticas de atuação vão desde o uso da mídia para criar confusão na cabeça do consumidor, até a tentativa de manipular a classe médica.

Temos sido bombardeados por cartas, revistas e até pelos próprios propagandistas, que nos “alertam” para o risco de que venham a trocar a nossa prescrição. Há poucos dias recebemos um série de selos adesivos para que os colemos em nosso receituário. De excelente padrão gráfico, os mesmo estampam as frases “respeite meu receituário—não troque este medicamento.” A mesma empresa que patrocina os selos acima nos mandou carta datada de 13.8.99 e assinada pelo seu Diretor Médico, nos “ensinando” tudo sobre o tema genéricos, inclusive nos alertando sobre os riscos legais que corremos se houver troca de um medicamento por outro similar.

Se não fôssemos profissionais de nível superior, com um nível de conhecimento acima da média nacional, até que poderíamos nos enganar com tanto “zelo” do setor farmacêutico para com a nossa classe, porém, como cidadãos brasileiros, não podemos aceitar este tipo de “tutela”.

Está na hora de nós, médicos, começarmos a mostrar à sociedade a nossa ética de cidadãos. Sabemos que nosso povo está cada vez mais desesperado, vivendo uma crise econômico-financeira terrível, sendo que os preços dos medicamentos atingem valores absurdos e os lucros das multinacionais farmacêuticas são drenados para fora do país. É como se o sangue do nosso povo fosse sugado e levado para o exterior para enriquecer cada vez mais os já ricos.

Sabemos também que através da implantação da Lei dos Genéricos a tendência é haver uma queda de no mínimo 30% no valor dos medicamentos, como ocorreu nos EUA com a implantação de Lei semelhante. Tal aspecto, aliado à possibilidade de gerar uma melhoria na política de medicamentos no país, já seriam suficiente para nos sensibilizar a tomar as medidas que são nosso dever frente a vigência da lei. No entanto, o orgulho de ser cidadão brasileiro e contribuir com o dever ético de construir uma nação melhor para nossos filhos e netos, também deve interferir na nossa decisão.

Será que continuaremos a fazer de conta que não sabemos

que aqueles propagandistas de laboratório que visitam nossos consultórios recitando as vantagens de tais e tais produtos são pagos com o suor do trabalhador que ganha salário de fome ou com choro dos aposentados que não sabem se deixam de comprar comida ou remédio, haja vista a miséria que recebem da previdência social?

Até quando continuaremos a aceitar os brindes caríssimos que os laboratórios nos enviam através de tais propagandistas, sem nem vacilarmos um segundo para receber os mesmos, apesar de sabermos que aquilo faz parte de um processo de sedução ao qual somos submetidos e que visa apenas e tão somente fazer com que proporcionemos lucro para as multinacionais?

Somos parte da elite intelectual deste país. Temos que assumir o papel de vanguarda que sempre nos coube nas mudanças que ocorreram ao longo da história. Vamos resgatar a nossa ética de cidadãos e liderar o processo de reconstrução da sociedade brasileira, o qual tem que ser feito sobre patamares sólidos. É nosso dever comandar tal processo, para criar uma nova sociedade, para a qual futuramente teremos orgulho de prestar conta da nossa ética médica.

A oportunidade de mostrar o nosso potencial de liderança cívica se apresenta com a Lei dos Genéricos. Tenho a certeza de que a nação brasileira nos respeitará mais ainda e nos acompanhará na retomada do processo ético que tem que nortear a construção de uma nova nação. Mãos e caneta à obra, colegas!

**José Elias Aiex Neto**

Membro fundador da ACULFI

---

## Entre as estrelas

---

*"A cultura é o fruto da curiosidade,  
dessa inquietude misteriosa que convida  
a olhar o fundo de todos os abismos"*

Tomando por empréstimo a máxima do diplomata e jurista argentino José Ingenieros para bem ilustrar a emoção - que honra e entusiasmo - de ingressar na Academia de Cultura de Foz do Iguaçu, volto a pedir ao Leitor licença para um registro pessoal.

Convidado pelo médico e acadêmico Valter Teixeira, fui ao encontro da "imortalidade" com o discreto orgulho que move os escritores patricios rumo à Academia Brasileira de Letras, mesmo consciente de que a minha alegria por essa elevada honraria é infinitamente superior aos eventuais méritos que eu possa ter para entrar na Aculfi - a "ABL" de Foz.

Recebido com simpatia pela diretoria da Casa, tomei posse em ato simples que, não obstante, para mim foi solene (às 10 horas do

dia 29/5/99, na sede da Aculfi, que fica no prédio da Fundação Cultural). E por indicação de meus pares, em eleição de renovação do seu quadro dirigente, cujo mandato é de dois anos, sob a batuta do presidente Lyrio Bertoli (reeleito), assumi o departamento de Comunicação Social.

Não seria necessário dizer que, pelo convite para o convívio na seara da intelectualidade de Foz do Iguaçu em primeiro plano, e por integrar a sua Diretoria em segundo lugar, sinto-me envaidecido e importante.

No entanto, verdadeiramente importante foi a deliberação da Diretoria da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu - da qual participei com o meu primeiro voto - de inscrever nos anais da Aculfi e dar conhecimento à cidade e ao mundo da **Moção de Regozijo e Júbilo pela Presença do Talentoso Maestro/Instrumentista/Arranjador Waltel Branco na Terra das Cataratas**, ensinando música, transmitindo conhecimento e orientando, na prática, dezenas de iguaçuenses - de 5 a 65 anos de idade - sobre as infinitas possibilidades do universo musical.

**Ralph Moreira**

Diretor do Depto. de Comunicação Social da ACULFI

Publicado originalmente no jornal "Folha do Iguaçu" (edição 120, de 1ª a 3/6/99).

---

## Adilson, o Jabá

( ao Chico de Alencar )

De todos os bêbados convictos que conheci, Adilson, o Jabá (ou Xarope, como era chamado pelos colegas do ofício), foi o mais feliz e fiel executor da arte de beber. Ninguém sorriu tanto na vida, diante de uma cachacinha da boa, como o inesquecível Adilson.

Para cada gole, principalmente quando alguém pagava, já que era miseravelmente pobre, logo se via o maior sorriso do mundo derretendo em contentamento suas rugas, em nada lhe inibindo a falta dos dois incisivos superiores.

O polaco bebia com o mesmo entusiasmo com que criança come chocolate e com a satisfação de quem, num só instante, saboreava, a cada copo, todos os prazeres e delícias que dizem existir no mundo. Dava a impressão de que sufocava, também, as feridas da alma. E as amarguras que já tinha sofrido, ao longo de seus quarenta e tantos anos de deliciados sorvos da "branquinha".

Eis que, no sábado passado, Jabá, cujo único defeito era torcer ferrenhamente para o "Coxa" (mas quem é que não tem seus pecadilhos?), acordou às onze, ajudou o vizinho Juizito que trocava um pneu do carro e foi ao "Bar Estrela Dalva" para beber o que quis e como quis. Bebeu, bebeu, bebeu ...

Depois, às sete da noite, com auxílio dos colegas (todos bêbados, evidentemente), foi-se para o barraco de madeira que erguera no quintal da casa onde morou com a ex-esposa. Dela estava separado por ser amante da saborosa cachaça. A sós, na plenitude de sua feliz solidão, completamente encachaçado, morreu de morte morrida.

A notícia correu a Vila Maria Antonieta. Ninguém se conformava. “Era sujeito bom demais ... Como pode ter morrido assim, sem mais nem menos... Gostava tanto das crianças... Sempre tinha sorrisos para todos... Até os cachorros do Zé Piúdo respeitavam a careca do Xarope ...”

Em meio a uma dúzia de velas e poucas flores campestres colhidas na redondeza, lá estavam, dia seguinte, os companheiros do “Jabá”, enterrando o caixão azul e roxo na cova nº 5840 do cemitério de Piraquara.

Nenhum discurso, nenhum lamento exagerado, como ocorre nas sepulturas de defuntos ricos, famosos. O silêncio. Apenas o silêncio dos sentimentos e as discretas lágrimas não contidas do irmão mais velho, que viajara de Chapecó, solavancos de horas cansadas. Ele logo foi cercado e consolado pelos fiéis colegas do Jabá – que não dispensaram, em seguida, o fraternal “patrocínio” do forasteiro para desafogar a tristeza. Afinal, eles não tinham participado do velório, que se realizara no casebre da ex-sogra do falecido, apesar do ardoroso protesto da turma da CAC – Comunidade Alcoólatra Convicta, fundada por Jabá, até então sem estatuto escrito e muito menos registro em cartório. A democrática e altaneira CAC insistia em velar o corpo no “Estrela”...

A celeuma fora de tal monta que “Mutuca”, o mais íntimo amigo de Jabá, quase levou uma pisa da velha Epifânia quando ousou invadir a casa dela com a intenção de retirar o cadáver. Rezava o estatuto bocal que bêbado que é bêbado deve ser velado no boteco de preferência do extinto. Por sorte, chegou o vigário da vila, acompanhado de um vereador e integrante do AAA, para encomendar Jabá a Deus. Todavia, o religioso desentendeu-se com Epifânia, que era Testemunha de Jeová, e foi impedido de fazer o seu sermão. Tomou partido em favor de “Mutuca” e com este se retirou, deixando ali o edil para o exercício de seus mistérios eleitoreiros, o que envolvia, naturalmente, a doação do caixão fúnebre.

*( Dizem as más línguas ter sido mera coincidência a ida do vereador e do vigário à casa de Epifânia. Ambos, na realidade, desconheceriam a morte de Jabá. Teriam ido lá para saber do paradeiro de Gertrudes, ex-futura viúva, que estaria para regressar do Paraguai com as bugigangas prometidas pelo político para a Grande Quermesse da Festa Junina da Paróquia de São José Operário, além das garrafas de Vinho do Porto destinado aos cultos da Sacristia. )*

Saltitando no topo de árvore desfolhada, a mais elegante das figuras marcava presença no campo santo das almas e dos fantasmas:

*“Bem-te-vi ... Bem-te-vi ...”*

Nem mais um só eco de emoção naquela tarde fria e de céu azul-turvo, confuso, indeciso.

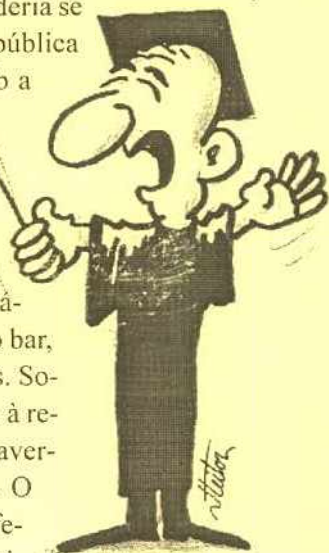
**José Alexandre Saraiva**

Membro fundador da ACULFI

Genivaldo não era do tipo que poderia se chamar de cérebro científico. Na escola pública freqüentada sob pressão dos pais vivia sob a alcunha de cabeça de ameba. Filho de família pouco abastada nasceu na favela do queijo, área contígua à nobreza iguaçuense. De estatura mediana, franzino, desenvolveu certa eloquência entre os freqüentadores do boteco do seu pai, Seu Amálio. Na verdade um pequeno prostíbulo. No bar, Genivaldo ouvia e contava muitas histórias. Sonhos que desciam ao abstrato e sucumbiam à realidade. Presenciou muitas pendengas de avermelhar ainda mais o chão de terra batida. O barraco apresentava marcas de bala de diferentes calibres, sobre cada uma Genivaldo tinha uma história para contar - até sobre as perfurações no teto, as quais estava incumbido de mantê-las fechadas com massa de sabão. Mas, os assuntos que mais lhe agradavam eram os de informação científica. Astronomia. Seu grande sonho era ingressar na faculdade. Um sorriso sarcástico e irônico brotava-lhe na face só de pensar na cara daqueles que chamavam-lhe de cabeça de ameba. Um dia ainda seria chamado de doutor. Sua revolta lhe dava forças para seguir em frente dedicando-se ainda mais aos estudos. Suas apostilas retiradas do lixo da Rosalina já estavam desgastadas pela leitura e pelo tempo. Muitas faltavam páginas deixando muitos problemas e histórias sem fim. Rosalina, sua mãe, catava papel durante o dia empurrando um carrinho de duas rodas sempre acompanhada de seus oito cachorros. Guaiecas perdidos que se juntaram à ela na esperança de encontrar comida. Quando o dia era engolido pela noite, a lua debruçava-se no horizonte. Genivaldo deitava-se sobre o teto de um carro abandonado próximo a uma mangueira e ali ficava admirando. Ah! A lua! Sempre romântica - um astro de grandes inspirações, de muitos contos e folclore. A lua exercia-lhe um estranho fascínio, seus desenhos parecendo São Jorge lutando com o dragão, seu tom prateado, seu brilho reluzente lembrava a calcinha prateada de sua primeira quenga.

Muitas águas rolaram, Genivaldo conseguiu com muita determinação, garra e ajuda financeira de políticos caçadores de votos, chegar à faculdade. Agora, membro do corpo discente ia defender uma tese, sua mente capengava recusando-se a acompanhar seus desejos. Resultado de sua peregrinação por diferentes tipos de drogas.

A sala de aula lotada, seu objetivo era demonstrar seu poder de persuasão perante os colegas de Direito. - A lua é mais importante do que o sol. Tema apresentado pelo próprio Genivaldo, despertou até a curiosidade do reitor que foi se esgueirando sob o olhar de soslaio de



Genivaldo até uma cadeira no canto da sala. Para Genivaldo um axioma. Algo de explicação desnecessária mas já que faz parte do jogo vamos lá. Pensou.

De peito estufado, aquele era seu grande momento, começou a discorrer sobre o assunto fazendo a peroração citando diâmetro, distância até à terra, força gravitacional comparativa entre os dois astros, mostrando minuciosamente os pormenores diante de uma platéia atenta a todas as informações. A qualquer instante poderia acontecer o grande e esperado momento: A conclusão de o porquê da lua ser mais importante do que o sol. E assim foi... depois de quase duas horas de exposição de motivos, Genivaldo orgulhosamente concluiu: e assim sendo, a lua é mais importante do que o sol porque a lua ilumina de noite. Iluminar durante o dia não dá nenhuma vantagem para o sol.

### ( HEITOR) Francisco Heitor Fernandez

Cartunista, jornalista, Editor do Jornal Primeira Linha. Bacharel em Administração de Empresas, Pós-Graduado em *Marketing e Propaganda* e membro da ACULFI

## "DESCOBRIMENTO" DO BRASIL – OS OUTROS 500

"Deus deu aos portugueses um pequeno país para nascer e o mundo inteiro para viver"

(dito da época das grandes navegações)

### Prólogo

Essa onda propalada de globalização não é coisa nova – é dos tempos de antanho. O que chamamos de "Descobrimento do Brasil" foi uma ação globalizada de um Portugal rico, imperialista, que gozava de estabilidade política e de uma classe mercantil operosa em uma posição geográfica estratégica, que era ponto de escala das naus vindas de países mediterrâneos, para comercializar em portos do Atlântico europeu.

Pedro Alvares Cabral, "descobridor" do Brasil, é hoje cantado em verso e prosa pela História oficial em face do "grande feito". Vale frisar que não foi o primeiro navegador a acostar em nossa plaga. Há quem diga que em 1488, em Laguna, Santa Catarina, já estivera Bartolomeu Dias, que depois acompanharia Cabral como 2º. comandante. Há mais quatro nomes: Alonso Hojeda, Vicente Yañes Pinzón, Diego de Lepe e Alonso Vellez de Mendonza que ficaram na condição *ab intestato* (sem testamento, sem prova).

Provavelmente Cabral. Era apadrinhado pela "mídia" e havia a célebre carta de Pero Vaz de Caminha, que simbolizava no pensamento de alguns historiadores oníricos, um verdadeiro tratado de filologia. Para outros, a certidão de nascimento do Brasil e para outros tantos nem uma coisa nem outra.

É uma situação bastante paradoxal. Vemos dois países: um

em que vivemos e um outro utópico, inatingido, ufanisticamente veiculado pela imprensa, principalmente a televisada. Mais estranho ainda quando isto tudo é tutorado por um Presidente sociólogo, intelectual que passa à população uma outra história. Apesar de todos sermos intelectuais, como bem dizia Paulo Freire, educador pernambucano.

Há de se ponderar alguns pontos no “descobrimento”:

1) Na carta de Caminha não há relato de que chegaram por causa da calmaria;

2) Não chegaram até aqui porque estavam perdidos – a bússola, criada pelos chineses já era usada;

3) A frota compunha-se de dez caravelas, três naus e 1500 homens (não traziam nenhuma mulher porque “dava azar”). Entre eles, navegadores experientes como Bartolomeu Dias. Cabral havia sido orientado por Vasco da Gama em sua epopéia;

4) Somos um raro país em que o Estado e a Igreja chegaram primeiro do que a população.

Por isso e mais algumas coisas, fica difícil convencer-nos (mesmo que se tenha muita boa vontade) de que o “descobrimento” foi obrado pelo acaso.

---

## Índios - nossos irmãos ancestrais.

### Parte II

Ainda temos em nosso consciente e inconsciente a visão deformada transmitida pelo cinema e literatura vãs, de que índio não presta, é atrasado e preguiçoso. Há de considerar que entre índios e brancos existe *modus vivendi* diferentes. Índio é o elemento que nós, carapálidas, muito temos que aprender. O autóctone não polui, não degrada, conserva a natureza e não é insaciavelmente esfomeado pela fome do lucro e é espiritualmente mais avançado que nós.

Tecnológica e cientificamente falando, aí temos outra questão. Índio não precisa de “tecnologia e ciência” do branco para viver. O empirismo e o xamanismo lhes basta.. Provavelmente não evoluiu porque não tenha “dominado” a metalurgia, com a manipulação de metais como ferro, bronze e ouro.

Os primeiros contatos narrados por Caminha em sua carta (de 14 páginas em folhas de papel florete) já denotam como subestimamos a sua rica cultura. Foram chamados de inocentes por não “esconderem suas vergonhas e mostrarem-nas como se fosse o próprio rosto”. E até mesmo quando na nau, em presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas, transmitirem mimicamente a presença em suas terras de ouro e prata. Com isso, os “sábios” portugueses tentaram “conquistar”

os índios dando-lhes comidas que logo botavam para fora por não gostarem da “iguaria” européia. Deram-lhes vinho. Uns recusaram. Outros beberam e não gostaram. Já outros beberam e gostaram. Daí, os laços foram se estreitando e o que fizeram foi um mega convescote com direito a “turismo sexual”. Muitos marinheiros já “desfilavam” com índias, essas em seus trajes a rigor, ou seja, nada.

Com essa troca cultural compulsória, o vencido sempre leva a pior. Os brancos transmitiram-lhe também doenças que eles não conheciam. Passaram a comer sal, o nosso cloreto de sódio, muito embora algumas tribos do Brasil consumam o cloreto de potássio. O cloreto de sódio foi introduzido pela corte para conservar alimentos e temperar comida. O monopólio desse produto foi instaurado em 1631 e só acabou em 1801.

Os brancos atropelaram a cultura dos aborígenes, “cobriram-lhes suas vergonhas”, deram-lhes uma estrutura potestática monoteísta - aculturaram-nos.

## Do país que fomos, do país que somos e do país que queremos

### Epílogo

Quando os hoje festejados portugueses singraram os verdes mares bravios de nossa terra natal, encontraram uma nação feliz, marcada por peculiaridades que todo e qualquer país deseja, por não ter inflação, desemprego, déficit habitacional, dívidas, miséria, fome, assaltos, etc.

Já à época do “descobrimento” os nativos dormiam em galpões cobertos de palha divididos entre 40 a 60 pessoas. A sociedade não era estratificada. Índio não rouba, não mata (a não ser que tenha motivos). Foi o caso do Bispo D. Pero Fernandes Sardinha que salvou-se de um naufrágio a nado nas costas do litoral alagoano e foi literalmente comido pelos índios caetés. Talvez até para afastar a ameaça do branco em seu meio. Ou seja, Sardinha nadou, nadou e morreu na praia. Mas isto é pouco para nós que nos dizemos “civilizados” porque vivemos “comendando uns aos outros” todos os dias nessa antropofagia social.

O autóctone não esgota os recursos naturais porque sabe que há uma ligação umbilical entre ele e a natureza e que esta, esgotando-se, aquele tende a desaparecer inexoravelmente. Não tem suas necessidades artificializadas como o homem branco que está textualmente inserido na cultura do ter, que valoriza quem tem ou pode mais. A cultura do branco é de cartas marcadas, elitista, excludente, individualista, concentradora de renda, desagregadora da família e todos nós sabemos

disso. É a cultura das moradias-fortalezas, dos carros-blindados onde há uma eterna luta entre o homem honesto que se enclausura em sua casa e o bandido que se arma cada vez mais para assaltá-lo.

Neste lapso de 5 centúrias nada de bom aprendemos em socialização. Apesar de o mundo produzir alimentos para 1,5 vezes a população da Terra (seis bilhões em 12 de outubro do ano passado) ainda há muita fome; o desemprego grassa e a terra cabralina detém 5% dos desempregados no mundo. 10% da população carioca já foi assaltada.

O país se solidariza com o milionário jogador Ronaldo Nazário de Lima por seu problema no joelho; mas finge que não vê a fome e a miséria que acossa milhões de brasileiros.

*Há menos mal na festa da cadela Pepezinha, da socialite Vera Loyola, porque foi um ato de amor ao animal, onde não se escondeu nada, do que essa comemoração fantasiosa dos 500 anos, por uma elite que insiste inutilmente que somos um país maravilhoso, certo e justo.*

Guardadas as devidas proporções, já fomos o que queremos ser.

**Errata:** onde se lê “descobrimento” leia-se invasão

### Paulo Ferreira

Engenheiro de Segurança do Trabalho. É membro fundador da Academia de Cultura de Foz do Iguaçu – ACULFI, é membro do Centro de Direitos Humanos de Foz do Iguaçu, membro fundador da Associação de Defesa e Educação Ambiental de Foz do Iguaçu – ADEAFI e inspetor do CREA – PR.

## O Imobilista

Jofre queria criar uma espécie de revival: estar-se em órbita a girar em torno do umbigo de um tempo. O tempo possível de Jofre, o verão de 1971, o seu tempo, o “tempo Jofre” - digamos que este tempo fosse uma pátria e se esta pátria tivesse uma bandeira, esta, seria uma velha placa da “Crush”; como outros símbolos desta pátria tempo teríamos ainda caixas de futebol de botão com todo o escrete de 70; fuscas; fotonovelas; móveis de vime; terninhos safari cor cáqui; as roupas de poliéster e o frenesi que elas causavam em não amassar; as roupas para bujão de gás, moda nas cozinhas da época; o sonhar em ter um “opala 200” cor tijolo, tê-lo; amar o Médici; odiá-lo; Ter um radinho portátil verde, ou achar cafona tê-lo; ter uma vitrola Philips laranja e convidar os amigos para uma festinha de embalo, tê-la mas curtir só, sempre ao som de mantras indianos; ser hippie, poder voltar a não ser mais hippie; mas mesmo assim ficar brigado com os pais, exilado no quarto em postura de contestação. Se tivesse um cheiro, esta “pátria tempo”, teria o

cheiro de flor de laranjeira e “mariruana”. Tal pátria também teria um exército e este seria formado por valentes legionários em seus confundíveis uniformes, compostos de velhas calças boca de sino, camisas “Ana ruga”, sandalias e as puídas bolsas a tiracolo, bolsas que seriam capazes de levar o mundo e todas as flores e beijos que pudessem encontrar. Seria um exército em defesa máxima do tempo sacro e santo de Jofre. Este exército seria comandado é claro por um Chê, em uma eterna descida de Sierra Maestra, a ofertar sonhos como se fossem gigantescos tonéis de sorvete de baunilha.

Nesta atmosfera se respirássemos bem fundo, sentiríamos o cheiro das válvulas de uma televisão “colorado RQ”, a poucos milésimos de segundo antes de nos franquear um frenesi suspensivo, pois não se sabia qual personalidade Lara em “Irmãos Coragem”, às oito da noite na rede globo iria encarnar. A “pátria tempo” de Jofre também poderia ser uma transamazônica de dicotomias, mas com firmes muros a dividi-las. Não poderiam estar acomodados um sobre o outro o diário de “Ho Chi Min” e a encíclica papal de 1971, embora parecessem esta sempre em baixo do mesmo teto. Enfim Jofre era um homem com os pés presos no cimento de mil Maracanã, permeados pela verve de Nelson Rodrigues, mas com a cabeça em um céu de mil latas de “Leite Moça”, sorvidas com fúria nas longas tardes de Domingo, frente a TV, em flerte com os festivais da “Tupy” e da “Record”, em um eterno caso amoroso com o velho sofá de curvim da sala, banhado a muito suor naquelas tardes.

Este era Jofre, um alguém na recusa de ser pisado pelos coturnos do tempo, um alguém em fuga destes coices cronológicos que fazem tudo passar; Jofre sentira ali que teria que ser o homem a lutar pelo seu tempo e para isto já começava a afiar suas lanças de ponta de “sonrisal”, torcendo para que não chovesse na batalha, um alguém com absoluta coragem, coragem comovente, um alguém no interior de uma intransponível armadura de papel crepom.

O combate se avizinhava. Jofre era um homem em disparada pelos corredores de um grande hospital, em busca de alguém que salvasse seu tempo, o seu verão de 1971. Nas gavetas do criado mudo, (mudo mas que parecia ter o mundo), ele enjaulara uma porção de relógios com ponteiros de garatêias. Assim Jofre sentia-se garantido, tinha a impressão que nada iria escorregar ou escapar, que nada seria memória, tudo seria pulsante, vivo, tudo seria aquele verão de 71 e ponto. Crivado de cabo a rabo. Jofre enfim estava em um transe, envolto em algo com mil cores, que abolira-o para frente e para trás. Ali só o seu verão de 71 a existir. Para Jofre o seu verão de 71 tinha um cheiro, uma forma, uma cor. Não era de plástica ausente, era de ser sempre presente. Assim era para Jofre e por conta disto ele amarrara seu tempo em sua alma com mil cabos de aço, arrebitara-o em sua pele. O seu tempo não poderia ser um destes tempos de passar. Para Jofre ali naquele dia, — que para ele era um dia em outro tempo, — tudo teria de se resgate, pois achava Jofre que os tempos que não eram resgatáveis não existiam.

Portanto o seu tempo não haveria de ser um destes tempos que somem pelos ralos da memória. O seu tempo teria que ser tocado, carinhado, visto. Seria por demais dolorido se não fosse assim. Teria Jofre que ter por entre as carnes o seu tempo. Entrega-lo a passagem era o que Jofre não queria, mesmo que humilhado pela realidade que teimava em inadequa-lo.

Então em uma destas manhãs com cheiro de pão, café e margarina Jofre resolvera deflagrar a sua guerra, uma guerra de estrondo moco. Jofre queria dar o sopro da vida em seus esqueletos: as pessoas, situações e coisas que ali estavam guardadas teriam que reaparecer, pois sempre estiveram ali, assim pensava Jofre. Entre elas estavam o amigo Hugo e o grito de guerra de ambos. Valquiria que foi paixão, amor de cusparadas de ácido, amor de chutar as portas e nelas abrir buracos, como quem abre buracos na alma, uma destas coisas costumeiras, coisas do primeiro amor. Ter também novamente o ar vetusto do pai, meio que querendo esconder o mundo pôr de trás daquelas folhas de jornal. A alvura da mãe em sua cozinha de ladrilhos brancos, vez por outra quando ela estava lá, parecia não haver ninguém ali. O “Hi-fi”, a “Cuba”, as festas de garagem. Tudo teria que ser novamente. Jofre então naquele dia, saíra porta a fora acompanhado apenas daquele brilho no olhar, estranho brilho no olhar. Um olhar de quem não se curvaria, não teria as ancas nem as costas doídas, pois não carregaria o bronze comum de um movimento, não deixaria o seu para trás.

A primeira providência prática daquela manhã, foi ressuscitar o velho Dodge Dart amarelo, que há muito jazia naquela minúscula vaga de garagem do apartamento de Jofre, mais precisamente desde a morte de Seu Murilo, pai de Jofre, que em vida e como único dono dedicara um amor incondicional à máquina. Amor também compartilhado por Jofre, que naqueles idos de 71 foi tomado de paixão quando viu o bólido amarelo ainda sem placas na garagem, seu Murilo o havia tirado momentos antes da concessionária, mas Jofre na época não deu bandeira, era careta se ligar em bens materiais. Para tirar o velho carro, convocara Seu Nenê, porteiro do prédio, que contrariado foi junto com Jofre, constatar o óbvio, que a velha máquina não funcionava, depois da vinda do mecânico, Jofre já podia festejar, o velho dodge funcionara, ganhara vida por intermédio de um pagé de mãos sujas de graxa. A partir daquele momento o velho Dodge Dart seria a sua nau. Uma nau em guerra, a guerrear em um mar crispado; mar com ondas de ganhos e danos; mar feito das tintas das idéias dos dias, das horas, dos minutos, dos segundos .....; em fim um mar grande, que se digere em si todo estranho e mudo; que era ali de um divisível ao infinito; estranhamente sem nunca dividir-se. Um algo mirado de longe da janela da alma de Jofre. Um mar que naquele momento, junto a Jofre, com ele chora, ri, às vezes o chuta, mas também lhe faz carinhos. Para Jofre o tempo era um mágico influente, na miragem de fluir.

Quase trinta anos sem ver Valquiria e Hugo, pareciam não incomodar Jofre. Não via ele, nenhum impedimento em retomar o papo

a muito guardado nos bolsos de uma velha roupa. Pois bem, Jofre naquela manhã colocou-se a buscá-los.

Depois de um chá providencial de lista telefônica, Jofre marcara ambos os endereços na mão, marcara de um jeito, que se as lavasse, ele talvez não desgrudassem da alma. Então foi primeiro ao encontro de Valquiria. O velho Dodge Dart rugia em cada sinaleiro. O velho dodge era seu tigre; seu tigre amarelo. Verdade seja dita; um tigre sem dentes. Mas para Jofre, seu dodge era um tanque de guerra, peça importante em seu exército de “Brancaleone” cronológico. Jofre achava, que ele, o velho dodge e seu exército logo iriam morder o tempo, com mil dentes, para que a partir daí o tempo não ficasse indiferente, nem só, na solidão de passar, na solidão de ir; solidão meio que confusa, meio que obtusa, solidão sem sair, sem nunca chegar, de um ser-se rio, em um eterno fluir.

Enfim, depois de incomodar dois para-choques alheios e roubar duas vagas de nossos atualíssimos e festejados compactos, o velho dodge já estava estacionado em frente ao prédio de Valquiria, e todos e tudo, estavam sob o cinza do céu daquela manhã. O prédio de Valquiria era cinza, o corredores do prédio de Valquiria eram cinza, as janelas do prédio de Valquiria davam para o cinza da vida, e a vida de Valquiria para as cinzas de um algo que nunca queimou. Já perto da porta do apartamento, Jofre que havia entrado sem a necessidade de identificação, pois o porteiro fazia as vezes de um “ombudsman” do prédio, e naquele momento escutava o eterno rosário de queixas de dona Eglântine do 1106, sente um cheiro de manhã misturado com faxina. Bem, lá dentro, sob a rígida batuta de Valquiria, estava Néia, a empregada, a passar o aspirador de pó. A baixinha e raquítica Néia, uma destas pessoas que adorava abreviar o nome de todo mundo, como dona “Val”, “Simo” para Simone, era alguém que por conta própria resolvera que iria abreviar o mundo e ponto. Naquele momento, Néia, ao passar o tal aspirador de pó, era meio que levada pelo elétrodoméstico, um pequeno mamute sorvedor de poeira. Valquiria a algum tempo iniciara seus mil afazeres diários, eles eram seus antídotos para que o cinza que estava ali por todos os cantos não invadissem suas retinas. Na quele dia Valquiria já havia levado o caçula para a escola; despachado para mais um dia de trabalho Décio, o marido, com direito a café tomado e beijo de cubo de gelo no rosto, este era o jeito que tinha quase que indefectível para mostrar a Décio sua desconfiança, já que era praticamente certo que o marido estava tendo um caso, com uma destas mocinhas em um eterno corpete verde-limão e calcinhas empreterivelmente enfiadas entre a bunda. Separar? Jamais! Décio era um bom acumulador, estava cada vez mais rico e sua empresa crescia dia a dia. Além do mais o falo da família era o cofre e Décio era um bom menino social, malandrinho, mas assim são os meninos. Enfim, Valquiria há muito tempo, mesmo que com soluços e chorinhos, aninhara-se por de baixo da segurança daquela relação de telhas de peneira. Em casa, naquele momento, já que o mais velho casou e Valquiria até avó já era, estavam só ela; Néia; e a

surumbática Laura, a filha do meio, que ainda estava deitada. Anoréxica, Laura estava cheia de “piercings” e carências, tudo espalhado pelo corpo, todo aquele metal era uma espécie de lastro, talvez lhe garantisse ficar ali para sempre. Valquiria corria com os afazeres, precisava terminar logo com aquelas lidas domésticas, as dez teria de abrir sua pequena boutique num refinado shopping da cidade, um mimo que Décio dera a ela, lá, mais afazeres; depois a academia, e no final da ginástica o suco de açaí com as amigas, ali os queixumes afetivos de sempre, as piadinhas de sacanagem com o frescor feminino, as gargalhadas e por fim uma bela reza à padroeira das academias “Santa Jane fonda” pedindo a ela que revogasse a lei da gravidade e que não transformasse suas bundas em imensas crateras lunares.

Estava ali uma família em movimento, todos atarefados, tarefas tão gostosas quanto uma suculenta bola de sorvete de cimento e aí de alguém que ousasse interromper aquela “harmonia”, sim para Valquiria era harmonia, mesmo que com a maciez de uma lixa de construção. O movimento ali não poderia parar, mesmo que sendo oco, falso. Digamos que Valquiria pedia um continuar posição. Podia-se dizer que o cotidiano de Valquiria era um grande elefante voador, batendo asas, parado sobre a sua cabeça, e se o tal elefante não as batesse, a esmagaria. Além do mais, Valquiria odiaria ser interrompida em seu dia a dia. Mas Jofre, cada vez mais próximo da porta do apartamento de Valquiria, era um homem prestes a emitir uma espécie de grito primal, o que seria uma ruptura no cotidiano de Valquiria, quem sabe isto a obrigaria olhar..., olhar com os olhos de ver.... Tal grito era a voz da campainha, Jofre naquele momento não era um “homem por detrás dos óculos”, como um dia disse o grande Drummond, era sim, olhos por detrás da porta e assim o grito da campainha se deu; Néia atendeu e sua patroa chamou, Valquiria veio, e Jofre ao ver Valquiria, não a viu. Jofre entendeu que Valquiria a partir daquele momento, para ele, seria um imenso boneco com enchimento de areia. Então uma desculpa veio rápida a cabeça de Jofre, ela, Valquiria, nem teve tempo de reconhecê-lo. Ao olhá-la, com o olhar mais tremido que já deu na vida, Jofre disse ser um vendedor de enciclopédias, um daqueles homens que por amor ao convencimento e a prolixidade carregava todos aqueles tijolos do saber a ofertá-los de porta em porta, Valquiria, nem dignou-se em saber se o tal homem carregava aquela cruz, disse que não queria e a porta se pôs novamente entre eles.

Mas Jofre tinha ainda para sacar por de baixo das cobertas do tempo o amigo Hugo e colocou-se a caminho rumo a um bairro distante. Estar novamente ao volante do velho Dodge-Dart parecia lhe dar novas forças, lhe revigorava estar lá dentro. Hugo há muito tinha iniciado os movimentos de seu dia; alias todos os dias de Hugo, há muito tempo, eram dias de uma imensa coleção de dias de isopor, tornara-se um destes homens que com amargor viviam a espetar o mundo com a ponta do gorda-chuva e o mundo nenhuma reação esboçava.

Hugo parecia não gostar das coisas, o mundo em sua concep-

ção errara, mas ele não, também em sua concepção o mundo teria sido para com ele cruel, ele para com o mundo não, achava também que as pessoas não lhe davam a importância devida, achava-se necessário a elas. Era uma destas conservas de palmito que fermentara ao sol, se alguém precisasse se alimentar de sua alma com certeza morreria de botulismo. Mas enfim do que será que Hugo gostava, será que gostava de não gostar? Mas havia algumas coisas que Hugo gostava, como por exemplo: atualizar seu vasto cabedal de conhecimento acerca de bulas de remédios; outra coisa que também lhe dava prazer, uma espécie de "gozo cívico", era ser Hugo o "super cidadão", um super herói com cartilha e mandamentos, sem seguidores, mas para Hugo isto era um detalhe. Listemos aqui algumas tarefas de Hugo, investido neste papel de super herói, "o super cidadão", ou seja, uma espécie de síndico do mundo, vamos a elas: sempre que for a panificadora e sua conta der algo como um real e noventa e nove centavos e a mocinha do caixa não tiver prontamente o troco, reclame, reclame, reclame, mas reclame muito com ela e depois peça a presença do gerente, e reclame, reclame, reclame, aliás uma dica de Hugo para qualquer coisa na vida era reclamar, reclamar, reclamar, depois pedir a presença do gerente e reclamar, reclamar, reclamar; outra tarefa era sempre chamar a polícia para que a mesma prendesse a molecada dos carrinhos de rolimã que usavam sem cerimônia, segundo Hugo, a ladeira onde ele morava, alguém teria de chamara a autoridade, e este alguém era Hugo, claro.

Hugo, segundo Hugo, era um abnegado, e não hesitaria em acordar bem cedo, mas bem cedo mesmo, para?..... Bem, para verificar se a humanidade estava de unhas aparadas, de barba feita, de dentes escovados, se a humanidade estava levando um casaquinho porque poderia esfriar à noite, um guarda-chuva pois o tempo andava tão louco, um pé de pato, alho, estaca, uma bússola, o manual dos escoteiros, pois segundo Hugo, nunca se sabia o que poderia vir pela frente. Cada vez que pensava em tais tarefas, imaginava-se servindo a humanidade, naqueles momentos Hugo era tomado de uma auto-piedade infinita, o que faziam seus olhos ficarem cheios de lágrimas, as "puras lágrimas de Hugo", segundo Hugo.

No encontro entre Jofre e Hugo não haveria nenhum intermediário, Hugo estava solitário em sua pequena casa, Gilda sua esposa há muito o abandonara para fugir com o mecânico das redondezas, fugiu a bordo de uma calça branca, apertadíssima, e quem viu, diz não ter dúvidas, a calcinha de Gilda era vermelha, pois o opaco da calça era de uma contradição só. Vinte dias depois, Gilda mandou sua mãe pegar os meninos, que hoje, dois homens feitos, ainda vivem com a avó. Gilda seis meses depois virara um lugar comum, uma história previsível, foi abandonada pelo mecânico, e muitos outros mecânicos vieram, mas Gilda não teve mais conserto. Seria possível por aqueles dias ver Gilda numa destas casas de tolerância de algum garimpo, em algum canto deste Brasil, talvez escondendo as feridas da alma com muito "pancake", e batom.

Jofre ali não tivera problemas com vaga para estacionar o velho Dodge-Dart, pois a rua de Hugo assim como o próprio era solitária. Hugo não tinha cachorro, pois segundo ele animais traziam doenças, por conta disto, Jofre também não tivera problemas em ultrapassar o portão e bater diretamente na porta, uma destas portas com uma daquelas janelinhas que todos convencionamos chamar de cuco, eis que lá de dentro, mesmo não sendo passarinho, surge Hugo. Jofre estava pronto para dar o grito de guerra, que somente os dois conheciam e que seria o elo de ligação imediata entre os dois amigos, mas Hugo na pressa de atender a porta esquecera os óculos, sem o qual não enxergava praticamente nada, mal abrira a portinhola, o cuco, e para a surpresa de Jofre quem começava ali gritar não era ele, e sim Hugo, o grito não era amistoso mas hostil, um destes gritos de eclipsar o sol, saído em espessos vapores do fundo da garganta de enxofre de Hugo. Ambos, o grito e Hugo, se faziam acompanhar da constituição brasileira, esta brandida freneticamente. O vai e vem de seu braço brandindo a tal constituição, saindo e entrando pelo cuco da porta, faziam parecer que a tal porta tinha uma língua, e que esta acabara de capturar um inseto, e que a próxima vítima seria Jofre. Lá de dentro das carnes de Hugo ouvia-se a seguinte frase: — O senhor não leu a constituição????, heim????, heim????, isto que o senhor acabou de fazer é uma invasão de propriedade particular — assim falava Hugo que por conta de estar sem os óculos apenas enxergava um vulto..., um vulto invasor, com os óculos quem sabe pudesse ter reconhecido Jofre. Mas quem poderia garantir que Hugo realmente queria enxergar.

O que restou a Jofre, ali naquele momento, foi enterrar para sempre nas montanhas da alma o grito de guerra dos dois amigos, principalmente em respeito a Hugo, que como Valquiria também não estava mais ali; a partir daquele momento, Hugo para Jofre, transformara-se em uma espécie de espantalho dele próprio, era alguém que ficara fincado para sempre no pior de si. Portanto Jofre queria sair imediatamente dali, e como estava experiente em desculpas, sacou logo uma de sua manga; disse ser ele um vendedor de “olhos mágicos”, um destes objetos que usamos para ver o mundo sempre por detrás das portas, enfim, quando Jofre terminou tal apresentação, Hugo em altos brados dizia que ele, Jofre, não era um vendedor e sim um enganador, disse ainda que as tais “bugigangas”, os “olhos mágicos”, são feitos somente para “trouxa”. Além do mais, dizia também que havia feito sérios estudos acerca dos mesmos, estudos estes que foram publicados em um obscuro livro do seu imaginário. O estranho livro que ninguém vira ou lera, segundo Hugo, fora todo feito em verbetes, e com o humilde título: “HUGO E TUDO SOBRE TODAS AS COISAS”, dava conta que os tais “olhos mágicos” não funcionavam e por isto ele era muito mais o seu cuco e blá..., blá..., blá..., blá..., blá..., blá..., Bem, Jofre não ficou ali para ouvir.

De volta ao velho Dodge-Dart Jofre agora só pensa em ir para a casa. Fim de tarde, começava a chover copiosamente. Jofre sabia que ao chegar em casa teria que deixar de existir na ilusão de um algo único,

teria que deixar-se ir. Não seria uno, ao querer-se um, como um todo em um único tempo. Teria de ser: Resgate; Avanço e Estático; como se os três estágios fossem um só, em um único momento, em um estranho fluxo que não era bem só o fluxo de ir. Mesmo sem saber-se em um determinado tempo, estranhamente Jofre parecia saber mais de si.

Já Valquiria não queria saber, não queria tempo para sentir-se no fluir, por conta disto o caminhão de tarefas diárias, todas postiças. Só assim podia ficar longe de si. Ficar longe daquilo que para ela eram os incômodos olhos de ver.

Hugo, este estava crente. Crente que sabia demais e por conta disto pensava que em seu pálido e magro todo, existiam todos os tempos do mundo. Achava-se em uma pequena região deste todo. Iludia-se com aquilo que achava que eram as suas certezas. Estava por demais parado para ver-se fluir. Olhava tudo de mais, mas nada com os olhos de ver.

Cabia então somente a Jofre quebrar aquela estranha ampuhlheta do tempo. Ele e o velho Dodge-Dart teriam de voltar, de onde haviam saído, sabia que um quarto tempo, este a ser e ter todos os tempos, teria de vir. Este tempo sem pretender-se estático teria de vir. Então naquela noite, Jofre e o mundo dormiram cansados, mas em camas separadas; só que Jofre, nunca mais acordou.....

Embora no outro dia bem cedo estava Jofre em seu pequeno mercadinho, conversando com seu Chico, o homem do caminhãozinho azul, que diariamente entrega a Jofre todas as frutas frescas que o mercadinho precisa. Conversavam alegremente..... Falavam sobre coisas do dia a dia, coisas que a cada dia fazem o mundo, o “mundo tempo”. E Jofre tivera a coragem de lançar sua âncora no lodo do tempo, agora com mais coragem teria de resignar-se em não poder parar. Só assim poderia olhar com os de ver, olhar com os olhos do movimento.

**Tibério Santos**

Membro da ACULFI

## O Casal

*Encontravam-se às escondidas todas as tardes. Os dois eram casados, tinham suas próprias famílias, portanto, amantes adúlteros e inveterados. Não amavam um ao outro, era paixão carnal.*

*A relação dos dois era um misto de voracidade e carinho. Por mais que lhes causasse dor, nunca deixavam de apresentar-se um ao outro. Conversavam sobre toda espécie de banalidade, tirando cada um sua conclusão, estavam sempre em rixa.*

*Jogavam-se na cara entre os mais espúrios e odiosos verbos, versejavam tranqüilamente em entrechoque de carnes, que consumia o*

*sexo de ambos os voluptuosos.*

*Aterrorizavam-se sempre que viam a hipótese de que alguém pudesse vir um dia conhecer seus segredos. Brincavam como crianças abandonadas, impiedosamente fatigando seus egos. Entregavam-se a jogos pervertidos de submissão e poder.*

*Seu carinho era antropofágico, cometiam barbaridades na clausura de um motel barato, discutiam suas aversões, propagandeando a desesperança no futuro. Eram ocos, ridículos, demônios humanos que se travestiam em anjos... e ainda falavam em Deus!*

*Atemorizavam-se em mil espécies de odes que inventavam para melhor contribuírem com seu egoísmo, fechavam os olhos a seus erros, erguiam a cabeça, cada um a sua maneira e concluíam precipitadamente seu caráter em comum, simplesmente, tanto um quanto o outro, não se achavam errados.*

*O caso entre eles era um julgamento, onde os dois se contorciam nus e epiléticos, confrontando culpas, em overdoses de humilhações. Não renegavam-se, inventavam, cada um sua própria verdade, inventava cada um a mentira um do outro, seguindo seus próprios mandamentos sustentados como bandeira ideológica.*

*Usavam de métodos, palavras vazias a favor do ódio, que mesclava-se em uma forma de amor contundido em náuseas. Repetiam todos os dias as mesmas formas de difamar, sempre levantando a ideologia da moral e dos bons costumes.*

*Eram patéticos, disformes, pedantes, revoltantes, apelativos, apagados em sua própria luz. Eram famintos, negligentes, perversos, paranóicos e manipuladores, mas não admitiam o mal que dividiam em seus espíritos. Quando olhavam no espelho, sorriam com sua beleza e, na pose de santo a qual defendiam, eram austeros a seus próprios olhos.*

*Hoje, separados, são apenas dois andróginos em conluio com o passado. Cada um arrastando-se impertigado a favor do mundo, escondendo seu rosto.*

**Jr Santana**

Membro da ACULFI

---

## TRILHA ECOLÓGICA - POR QUÊ?

---

“Houve um tempo em que aqueles que ocupavam as montanhas queriam as planícies; da mesma forma, os que estavam nas planícies queriam as montanhas. Entretanto, ninguém queria abrir mão dos seus próprios domínios; estava, portanto, criado o fator dissociador, aquele mesmo que originou e, infelizmente, continuará originando tantos conflitos...”

Inúmeros interesses escusos tiveram lugar no passado,

quando conspiravam sobre a retirada do Batalhão de sua sede atual. Especulações imobiliárias, projetos demagógicos e eleitoreiros, enfim, as mais variadas intenções, sem ao menos pensar na importância da Organização Militar no lugar onde está, na importância e respeito que impõe, na tradição que resguarda há exatamente 68 (sessenta e oito) anos.

Quando da assunção do meu comando, notei por várias vezes o interesse das pessoas na ecologia, a submissão aos projetos relativos à natureza e, primordialmente, a curiosidade da Comunidade de Foz do Iguaçu em relação à área verde existente no fundo do quartelamento.

Nessa ocasião, começou a delinear-se em minha mente a maneira adequada para compartilhar esta área com a população de Foz. Seria viável um grande parque? Como criar a infra-estrutura necessária? Seria seguro?

Inúmeras perguntas precisavam de respostas, sendo assim reuni a equipe necessária ao Projeto e iniciamos, pouco a pouco, ponto por ponto, a responder aos questionamentos, a correr atrás de uma realidade, a transformar aquele lindo sonho em algo palpável.

Assim é que a trilha ecológica “Sargento Max Wolff Filho”- herói da 2ª Guerra Mundial – começou a tomar forma. Numa eficaz parceria com o empresariado local, onde se deu como retorno ao investimento a propaganda, a trilha foi aberta, a área está em fase final de encercamento e a infra-estrutura básica está concluída, entrando no início de abril na fase de instalação.

O sonho, um dia concebido, tornou-se realidade às 09h do dia 22 de abril, fazendo parte das comemorações dos *500 anos do Brasil*, abrindo ao público, numa festa inesquecível, a trilha ecológica que a população de Foz do Iguaçu fez tanto por merecer.

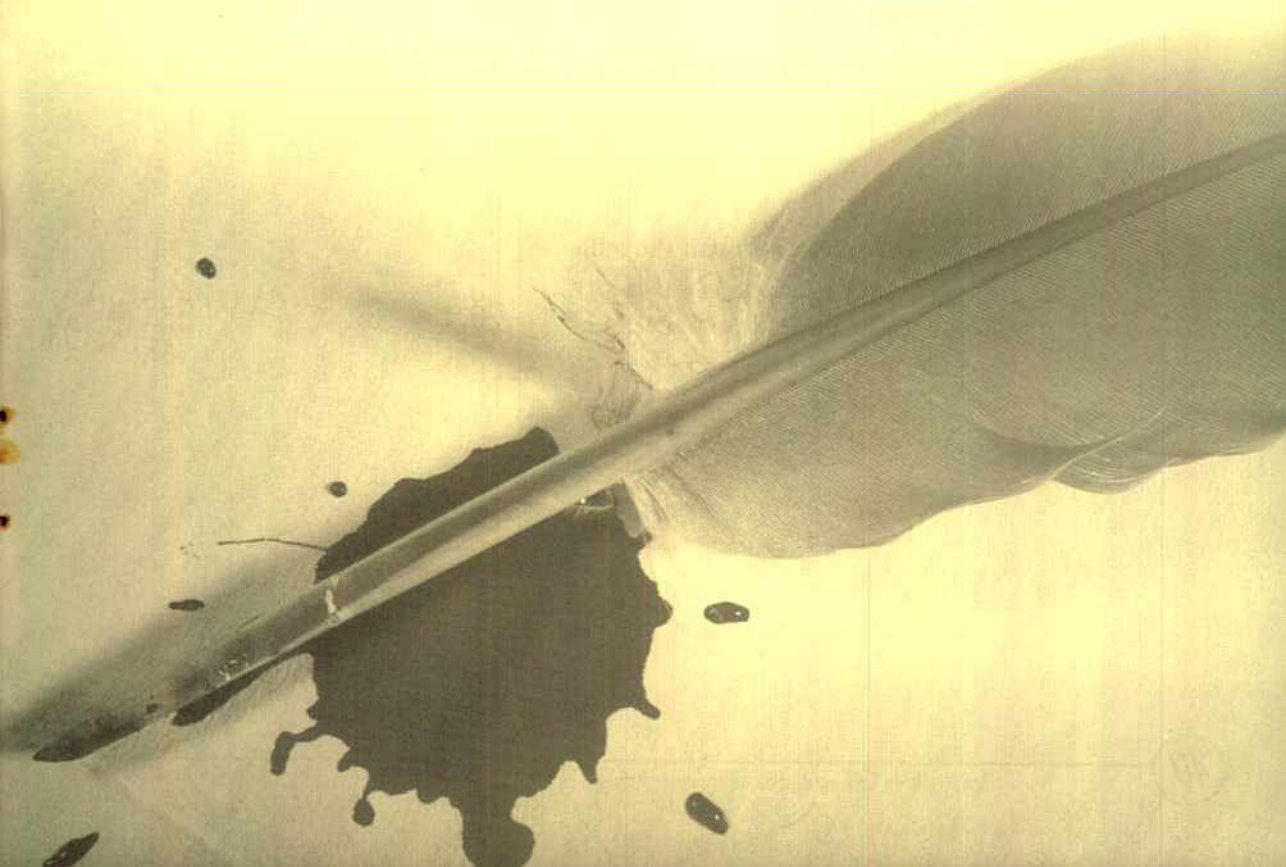
*Neste momento, um singelo agradecimento a todos aqueles que acreditaram neste sonho e ajudaram a torná-lo realidade; agradecimento a todos aqueles que de forma direta ou indireta ombrearam-se conosco nesta empreitada; agradecimento aos nossos empresários que, em seu inequívoco tirocínio, anteviram o anseio desta Comunidade e investiram neste lindo sonho.*

**OBRIGADO FOZ DO IGUAÇU**

**TEN CEL GALETTI**

Membro da ACULFI

Poesia



## MÃE

Como falar de “MÃE”, se não consigo  
achar uma palavra equivalente  
para representar o doce abrigo  
que nela encontra cada ser vivente?

Como falar daquela a quem bendigo  
pelo seu coração benevolente,  
por seu beijo sereno, suave, amigo,  
pela ternura, pelo amor fremente,

que no seu ventre deixa conduzir  
por nove meses o almejado filho?  
Como falar do seu meigo sorrir?

Como falar da perenal magia  
que nos seus olhos faz surgir o brilho  
que iluminava os olhos de Maria?

### Horácio Ferreira Portella

Membro da Academia Internacional de Letras - RJ  
Membro do Centro de Letras do Paraná-Curitiba  
Membro da Sala do Poeta do Paraná - Curitiba  
Membro da Acad. Letras José de Alencar - Ciba  
Membro da ACULFI

## Emílio de Menezes e a Academia

(Homenageando **Roza de Oliveira**, eleita, para a Cadeira de Emílio de Menezes na Academia Sul Brasileira de Letras, de Pelotas, Rio Grande do Sul).

*Parece que o destino tem o prazer de crucificar em vida os grandes homens, só permitindo-lhes que o seu brilho fulgure após a morte.*

Por que será? ...

Exemplo disso ocorreu com o renomado poeta do Rio Grande do Sul, **Mário Quintana**, derrotado quatro vezes nas “eleições” da Academia Brasileira de Letras ... Parece mentira!

Até que, finalmente, num justo revide, não deixou que seu nome fosse lançado como candidato novamente, decidindo que ali se recusava entrar...

Creio que **Dalton Trevisan** teria feito o mesmo, caso seu nome tivesse sido proposto.

O grande poeta paranaense **Emílio de Menezes** (pasmem todos!) foi vencido também em sua primeira candidatura à A. B. L. por **Oswaldo Cruz**, só conseguindo sua eleição numa segunda tentativa, assim mesmo com o estímulo e apoio de **Olavo Bilac**, **Graça Aranha** e **Medeiros e Albuquerque**.

Invoco esses fatos, com o objetivo de dizer que é comum a injustiça acontecer com pessoas cultas e famosas. Será inveja? ...

Com **Emílio de Menezes** aconteceu uma injustiça até mesmo após sua morte, quando a Câmara de São Paulo propôs que o nome do poeta fosse dado a uma rua da cidade, o que a isso se opôs um vereador, ocasião em que os intelectuais, liderados por **Oswaldo de Andrade**, publicaram no jornal O Estado de São Paulo um protesto contra o vereador.

*O que se constata, com tudo isso, é que a lisonja e a bajulação sempre vencem o espírito crítico honesto, venha ele de forma séria ou galhofeira.*

Certamente o tal vereador viu-se atingido, de alguma forma, pelo verso satírico de **Emílio de Menezes**, que era useiro e vezeiro em usá-los, tal como o fez depois dele o importante poeta mineiro **Djalma Andrade**.

**Emílio de Menezes**, um dos poetas parnasianos mais autênticos, foi igualmente autor de poemas simbolistas de rara beleza. Em sua obra poética encontram-se versos lírico-filosóficos e satíricos, sendo que nestes últimos era um mestre, conforme podemos apreciar a seguir:

O. L.

De carne mole e pele bambalhona,  
ante a própria figura se extasia.  
Como oliveira – ele não dá azeitona,  
sendo lima – parece melancia.

Atravancando a porta que ambiciona  
não deixa entrar nem entra. É uma mania!  
Dão-lhe por isso a alcunha brincalhona  
de paravento da diplomacia.

Não existe exemplar na atualidade  
de corpo tal e de ambição tamanha,  
nem para a intriga tal habilidade.

Eis em resumo essa figura estranha:  
tem mil léguas quadradas de vaidade  
por milímetro cúbico de banha.

Soneto extraído do livro "*Mortalhas*" (Deuses em ceroulas)

Certamente que hoje estarão caricaturando em versos e rindo  
juntos, em outra dimensão celeste, **Emílio de Menezes, Djalma An-  
drade, Mário Quintana** e tantos outros ... e também os deuses sorri-  
rão com eles.

**Harley Clóvis Stocchero**

Membro do Centro de Letras do Paraná

Membro da Sala do Poeta do Paraná

Membro da Acad. Letras José de Alencar

Membro da ACULFI

---

## SE PUDÉSSEMOS VOAR ...

---

Sempre tive poucas lembranças  
Dos nossos sonhos,  
Mas das vezes em que lembrei-me  
Ao amanhecer,  
Foi o de ter voado, sem asas próprias ou alheias  
O que me causou deliciosa sensação.

Ah! Se pudéssemos voar ...  
Passaríamos o dia inteiro imaginando  
Por que plagas  
Nossos olhos se encheriam  
Das mais multicores paisagens,  
Do aroma dos campos úmidos do orvalho,

Da carícia dos ventos,  
Da força coruscante do sol,  
Tangendo raios  
E nos abraçando calorosamente,  
Vendo estradas, rios, montanhas e vales,  
Mares, oceanos, cidades,  
Neves eternas, desertos escaldantes,  
Florestas, praias e plantações!

Ah! Se pudéssemos voar ...  
De nada adiantaria,  
Se não tivéssemos olhos  
Para os trabalhadores da terra,  
Que do interior de suas pequenas casas  
Sonhassem noites de vôo,  
E com nossa alma  
Lavrassem os campos do espaço,  
Colhendo o trigo da esperança  
E laborando o pão da felicidade!

Ah! Se pudéssemos voar ...  
Pouco serviria aos nossos sonhos,  
Se os sonhos de todos os homens,  
Não encontrassem a alçada do vôo,  
Vôo livre, pleno de imenso!  
Depois do peso de um dia sobre o corpo,  
A alma reinante livre,  
Com a velocidade do pensamento,  
Lá ou cá, em toda a parte,  
Vibrante, brilhante e amante!

Ah! Se pudéssemos voar ...  
Ou dormindo para o espírito,  
E com toda a gente,  
Voar o tempo, o espaço, o espírito,  
Voar com teu amor,  
Meu bom protetor!  
Sem nunca parar ou cansar de sorrir.

E bem quietinho, no meu canto,  
Imagino, pois não vejo e não fantasio,  
A doçura do beijo da sabedoria,  
Penetrando a alma,  
Curtindo-a fundo, com dor e alegria,  
Com relances de cumplicidade sentida  
Gostosamente por nós dois,  
Um segredo sem palavras,

Sem retorno,  
Nem passado, nem presente  
E tão pouco futuro.

Bastou ver-lhe os olhos úmidos,  
E toda a fortaleza do meu ser ruinou-se,  
Todas as fórmulas, hipóteses, teses,  
Deduções, induções, e toda boa lógica,  
Tudo foi em vão,  
E nada me trouxe,  
Tudo foi em vão,  
E nada me trouxe,  
Absolutamente nada,  
Trouxe-me de volta,  
Àquele momento, em que um segundo de eternidade,  
Eu fui você,  
E você,  
Foi todo o meu amor!

**Luiz Francisco Barleta Marchiorato**

Membro da ACULEFI

## POETAS – SONHAM – E AMAM NA VIDA!

Sexta-feira, 07 de abril de 2000. Data festiva para nós e nossa amiga, prof. Ivette Souza Secundino, que neste dia lançou mais um livro de poemas: “Refletindo a Vida”. E foi lá, na biblioteca do colégio Est. Prof. Flávio Warken, em meio a tantos autores, que Ivette nos ofereceu seu quinto livro.

Professores, alunos, familiares e amigos ilustres ali estiveram dividindo a alegria do verso junto a essa querida poetisa.

Na saída do lançamento encontro o Dr. Lyrio Bertoli, Silvia, a secretária da Academia de Cultura e o prof. Ildo Carbonera que gentilmente me convidam a escrever um artigo para esta revista.

Um artigo! Hum ...

O momento não poderia ser outro, tampouco o assunto: Poesia!

14 de março, foi o dia, é o dia do poema, se bem que para o poeta todo dia é dia de poesia.

Ivette lançando seu livro de poemas, nossa conversa sobre poesia, enfim ... que homenagem prestar à poesia em seus dias?

Álvares de Azevedo com sua lira, em *Lira dos Vinte Anos*, nos faz pensar a vida numa binomia, às vezes, tão doce ... às vezes tão amarga!

Gonçalves Dias em *Canção do exílio*, e Casimiro de Abreu

em *Meus oito anos* nos fazem reviver a saudade de algo que passou, passou, mas está presente, sem nunca ter passado; lembranças do ontem que trazemos em nosso viver, tão marcantes, singelas e sublimes.

Fagundes Varela, misantropo, em *Cântico do Calvário*, mostra-nos que temos esse lugar em nós: não há como fugir. “A pomba predileta um dia será varada pela flecha do destino”.

Junqueira Freire, monge tão jovem, em seu livro *Hora do delírio*, extravasa todo seu sentimento amargurado, sofrido, contido ...

Poetas, enfim, que sustentaram a Geração Romântica de nossa literatura. Poetas que tão jovens leram Dante, Camões, Petrarca, Homero, Shakespeare, Victor Hugo, Hoffmann, Byron, Musset, e outros mais...

Poetas byronianos que fizeram a ponte entre o clássico e o contemporâneo; poetas que amaram e vivenciaram os fatos da época expressando-os da melhor forma possível em suas líras tão diversas, refletindo a vida de cada um, a sua maneira, ao seu pensar.

Byronianos, saudosistas, misantropos, monges ... e tantos outros foram os que se destacaram na poesia brasileira do século XIX.

Jovens poetas românticos que fizeram de suas vidas o verso maior!

Ivette de Souza Secundino, Ildo, Lyrio, Cecília, Bandeira, Quintana, Drummond, Coralina, Adélia, Gonçalves, Dante, Tomás, Bashô, Li Po, To Fu, Raul, Renato, Basílio, Santa Rita, Augusto, Jorge, Vinícius, Murilo, João Cabral, Campos, Leminski, Bilac, Oswald, Mário, José Paulo, Kolody, Machado. Machado, meu bom Machado, eu, a vida, e todos nós!

Todos na poesia “Refletindo a Vida”, essa mesma de cada dia.

O que diria Álvares de Azevedo?

-Poetas – sonham e amam na vida.

**Cidinha Hosoya**

Membro da ACULFI

---

## O DEUS QUE VIVE EM MIM

---

Ainda muito criança,  
Em meus sonhos de saudade,  
Saudade de algo que nem sei  
Se tive, se vivi ou senti.  
Saudade de Deus.  
Saudade do tempo em que talvez  
Tenha sido feliz ao seu lado,  
Quis saber como era Deus,  
Qual a Sua cor?...

Já que o homem foi feito  
À Sua imagem e semelhança,  
Seria branco, amarelo ou negro?  
Não obtive resposta,  
Mas o meu cérebro infantil  
Precisava de uma imagem de Deus.

Assistindo a um filme  
Vi quando a porta do céu  
Se abriu e Deus apareceu  
Sentado em um trono,  
Cabelos e barbas longas e brancas,  
Era branco e vestia uma túnica muito alva.  
Agarrei-me àquela imagem  
Durante toda infância,  
Adolescência e parte da  
Minha vida adulta.

De repente, encontrei-me  
Novamente a questionar:  
Por que não podemos ver Deus?  
Qual o mistério da Sua cor?  
Por que sempre que oro  
Imagino que Deus é um velho?  
Comecei a procurar resposta  
Dentro de mim mesma...  
Precisava encontrar resposta  
Para o meu conflito existencial,  
Que me fazia sonhar a  
Saudade de Deus.

Em um desses sonhos  
Encontrei a resposta  
Que acalmou o meu ser...  
Deus não pode ser velho,  
Pois o espírito não envelhece,  
Apenas surgiu, formou-se ou evoluiu  
Em alguma parte do Universo,  
E ao atingir à plenitude  
Deu início à Sua criação  
E por ser eterno não envelheceu.

Encontrei resposta também  
Para Sua cor  
Deus não tem cor:  
Pois é um ser formado de energia,  
De luz e de uma beleza infinita.

A Sua luz não permitiria  
Que víssemos a Sua cor  
E principalmente por ser Ele  
Tão lindo,  
Tão maravilhosamente lindo,  
Tão esplendoroso,  
Tão divino,  
Que se nós O víssemos  
Cairíamos tão fascinados  
Aos Seus pés,  
Que jamais levantaríamos.

Este é o meu Deus,  
O Deus que eu amo,  
O Deus que eu adoro,  
O Deus que sempre louvarei.  
E, hoje, quero dividi-LO com você.  
Se o seu coração estiver vazio  
Receba-O e verá:  
Quando sentir o frio da solidão  
Ele vai lhe aquecer.  
Quando sentir o calor do desespero,  
Ele soprará a brisa suave  
Que tudo amenizará.

**Ivette Souza Secundino**

Membro Fundadora da ACULFI

---

## LEME SEGURO

---

Segues teu destino  
Indo em direção ao porto  
Tão teu que já não és sozinho  
Onde vagas palavras  
Serão canto.  
Não olhes para trás  
Para não perderes o caminho.  
Podes lembrar do nosso adeus  
Mas não sinta pena  
Porque estou só  
Não tenho rumo.  
E por isto não preciso de leme.  
Não há espera num porto quente  
Mas não sinto frio ao relento.

Sou parte do oceano  
E o lavo com meu pranto.  
Segues teu destino  
Rumo ao porto de quem te espera  
Chegarás com o cheiro do mar  
E úmido de lágrimas  
Que da lembrança carregas.

**Márcia Helena Sut Ribeiro**

Membro da ACULFI

---

## ESTRELAS

---

Supus soprar beijos sobre perfumes de cravos azuis, antes mesmo que as pétalas tivessem desabrochado.....

Doida suposição, mas foi com o tato que tal sutileza foi sendo destilada.

Pouco a pouco, as pontas dos meus dedos compunham um tênue fio de coisa-nenhuma.....

Com que leveza esta substância azul-em-si-mesma se ensimesmava, qual seda pura.

Depois, foi só abrir as mãos e o fio se recompôs num tecido mais leve que o amor.

*Agora, expandia-se pela noite, alargando horizontes, universo afora.....*

**Meu Deus, já sei como brotaram as estrelas!!!!!!**

**Mário Luiz Samartano**

Membro da ACULFI

---

## BRASIL 500

---

O Brasil é uma planta que Cabral veio e plantou,  
Nas terras fecundadas abençoadas pelo Senhor.  
Partindo Cabral para as Índias  
Assim tudo começou:  
Era marcado por Deus, por isso não pressentiu  
Que em vez de ir para as Índias  
Veio direto ao Brasil...

Aqui plantou a semente do fruto desconhecido,  
Nasceu uma linda fruteira com os frutos coloridos;  
Verde, azul, amarelo e o branco distinguindo  
Era a nossa bandeira cheia de paz e amor...

Quem nasce neste torrão  
Só aqui deve ficar, tudo aqui é bonito,  
Aqui nasceu a mulata cor de canela,  
Tem sol, praia e futebol  
Grande mistura de raça e de cor,  
Aqui tem mulher bonita sorridente  
Céu azul e muito calor.

O Brasil é um castelo rígido  
que nunca desmoronou.  
Ao completar 500 anos vamos cantar em louvor,  
Cantar em uma só voz - O Brasil merece o nosso amor...

**José Alexandre de Oliveira**

(Tio Bahia) - Membro da ACULFI

---

## Atroz Cidadania

---

Lendas saturadas de paixões! Na panacéia oculta, imbuída de poções  
Afloram múltiplas feições... nos Brasis das palafitas e mansões  
Da lavoura emergem amargas sensações,  
Que proliferam a fome, em meio a imensas plantações  
Para nutrir os restritos jardins...  
Dos filhos das castas, com pastas na mão!

Vertigem avassaladora!  
Porque não nos consome a conspurcada visão  
Do menino pobre, que agonizava à sua morte no sertão  
No colo materno, terno e subnutrido, a suplicar o perdão  
Da saudade prematura... que ecoava retumbante refrão  
Não parto em vão, minha mãe!  
Transcendo aos céus... buscar-lhe nosso pão!

Que a apatia que grassa em nossa terra, instigue empenho e labor  
Apagando as pegadas de Pirro ... na tentativa de aliviar o ardor  
Dessa gente, que nas ilhas das flores ...  
Roga... para que o sono seja, em doce sonho convertido!

**Khalid W. Omairi**

Acadêmico de Direito- Unifoz

Presidente do C.A.M.M

Membro da ACULFI

## POESIA PARA VOCÊ

O tempo passa, mas não morrem dentro de nós os puros e sinceros sentimentos. Um dia acordamos e nos deparamos com o passado e observamos quão longínquo se encontra, aí sentimos a imensa saudade. Entretanto, o amor ainda é muito forte, tanto quanto o nosso grito.

Poeta, acorda! Espanta!  
Balança a poeira fetal,  
Renasça, vai, levanta!  
Diga do bem, esqueça o mal.

Acredite, finque, defenda  
A vida é linda, olhe, veja!  
Ouça, cante, dê, não venda  
Seja tudo que quer, mas seja.

Pense em campos de rosas,  
Lírios, dalias, jasmims.  
De tão amado seja prosa,  
Pense em tudo, até em mim.

Poeta sou eu ou quem inspira?  
O tempo faz mulher em amiga  
Satisfaz, ainda, desejos carnavais  
E tem a palavra certa, se diga.

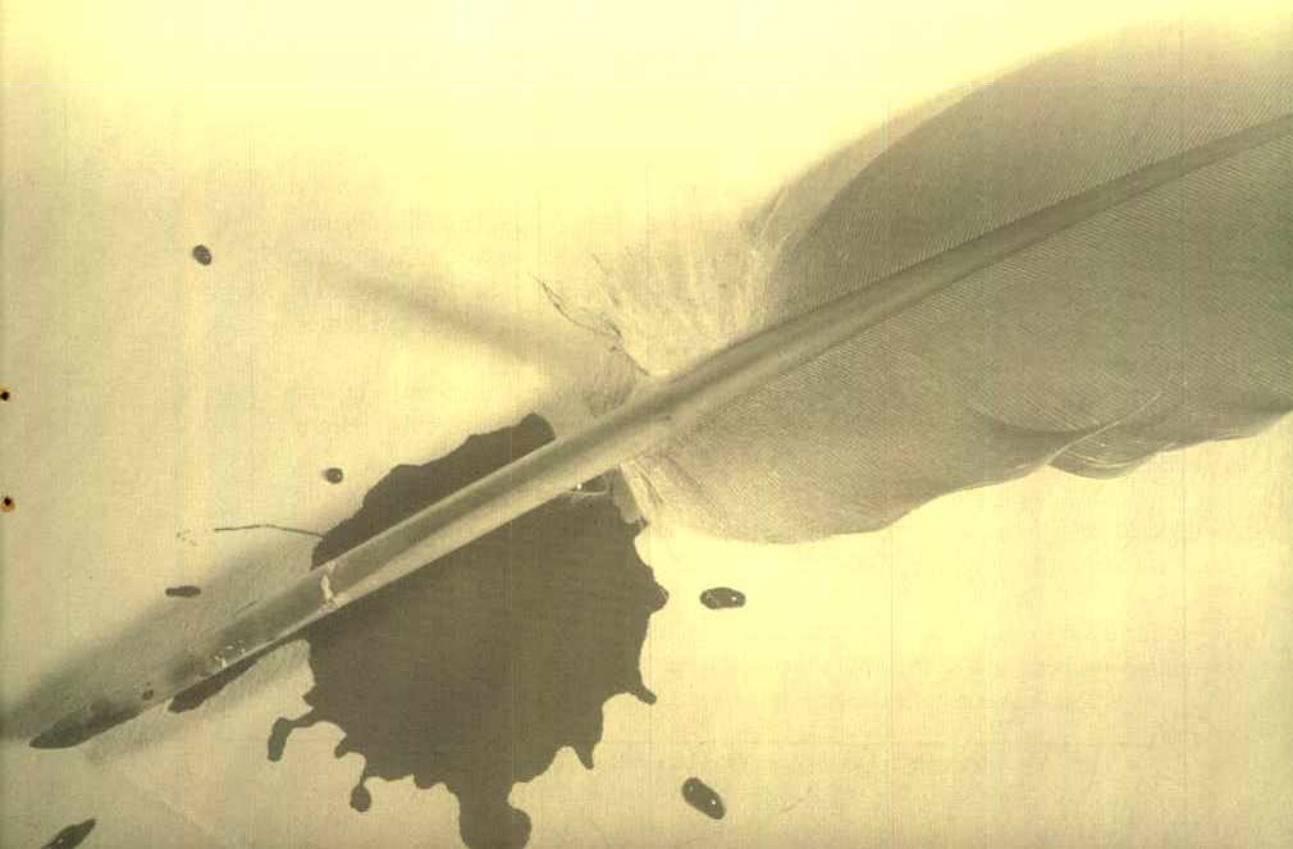
Muitos anos são passados,  
Estrada início, longa vida.  
Hoje semeamos amores alados,  
Somos só a esperança sentida.

Outros anos possa amar-te  
Pensar em erros constrange.  
O amor venceu, ele tem arte  
Ah! Amor lindo, minha Solange.

**TEN CEL GALETTI**

Membro da ACULFI

# Suplemento



Negligenciada por vários anos a lembrança da criação da Província do Paraná, passada em branco ao longo do tempo, o propósito de ressuscitá-la decorre do indeclinável dever cívico que se nos impõe de cultuá-la e exaltá-la como expressão da nossa paranaensidade, nestes cento e quarenta e seis anos de autonomia.

Guardamos através da história uma inexplicável timidez. (nunca fomos de gestos largos, nem de euforias exageradas) Esse excesso de autocritica, tenha produzido talvez uma certa omissão ou frieza, como fuga num processo psicológico, em relação aos acontecimentos históricos.

Bento Munhoz da Rocha Neto, David Carneiro e Samuel Guimarães da Costa tentaram justificar esse fenômeno, cada qual por um ângulo específico.

Atribui-se, em parte, essa responsabilidade à falta de iniciativa pública e particular na promoção dos valores regionais e do desconhecimento do povo dos antecedentes que lhe desenham a identidade coletiva.

Enquanto nos estados limítrofes o ensino da história e da geografia regionais resulta em matéria obrigatória até nos vestibulares, no Paraná essa prática é quase inexistente e descuidada. Em recente projeto da Academia Paranaense de Letras, a professora Chloris Justen colocou o dedo na ferida dessa questão de cidadania, demonstrando o quanto são escassos os conteúdos dessas disciplinas no Sistema Estadual de Educação.

O Paraná não pode continuar a ser um arquipélago cultural, cujas regiões geográficas se comportam como ilhas separadas por características próprias, que não se comunicam, nem se integram como unidade indivisível.

Reside aí outro esforço da Academia em semear núcleos literários nas cidades do interior, de modo a eliminar essas distorções e assegurar a diplomacia da boa vizinhança.

Daí a fundação de Academias e Centros de Letras em Maringá, Foz do Iguaçu, Francisco Beltrão, Palmas e Ponta Grossa, como forma de unificar uma política cultural harmônica e abrangente. As próximas cidades, Toledo, União da Vitória, Guarapuava e Araucária. Serão os novos agentes desse intercâmbio produtivo e transformador.

É verdade que a globalização e a informática agravam esse quadro, descharacterizando as nossas heranças sociológicas, de modo a confundir o nosso espírito crítico e a nossa visão diante do futuro.

Invade-nos, também, o subcolonialismo cultural que atenta igualmente contra o nosso idioma, cuja pureza Bilac cantou em prosa e verso. Outro projeto, inspirado pela Academia, em tramitação na Câmara Municipal de Curitiba visa a coibir, a exemplo do que já faz em São Paulo e outras capitais, esses constantes erros gramaticais na publicidade em geral.

Como pode um povo defender os seus direitos fundamentais se ignora as suas próprias origens e nem se acautela das agressões que lhe subvertem a cultura e a tradição?

O estrangeirismo que avassala os nossos costumes, por exemplo, que desvaloriza a língua pátria com a crescente opção por vocábulos estranhos ao nosso vernáculo, é outra praga a corroer os alicerces da nacionalidade.

“Toda geração deve ter uma relação imediata com a História”, para não perder o fio invisível da continuidade e do permanente. E mostrar-se vigilante quanto aos bens que se incorporaram ao seu patrimônio humano.

São essas as reflexões que nos surpreendem aos 146 anos de emancipa-

ção política, nas proximidades do novo século.

Todos nós sabemos que essa autonomia foi um demorado processo de reconquista, pois no século 17 Paranaguá deteve governo próprio, durante 51 anos, com a criação da Capitania de Nossa Senhora do Rosário.

Esgotados os interesses da Coroa, face o estiolamento das reservas auríferas e a ausência temporária da ameaça espanhola na fronteira, Paranaguá foi reintegrada à Capitania de São Paulo. Não se conformou com esse retrocesso, de constituir mera servidão de passagem entre o centro e o sul, rota dos tropeiros, um simples referencial geográfico, sem significação política, nem militar, nem de fornecer homens à Legião Paulistana para guerras que não compreendiam.

Uma nova fermentação política e reivindicatória iniciar-se-ia em 1811, quando a Câmara de Paranaguá representou, em vão, pela autonomia, junto ao Conde de Aguiar. Não havia motivos estratégicos fortes que embasassem o pedido.

Dez anos mais tarde, a célebre Conjura Separatista, liderada por Floriano Bento Viana, sob a influência de Inácio Lustosa e Gonçalves da Rocha, conferiu novos ingredientes à tentativa de separação, mais uma vez frustrada, por falta de interesse econômico da Coroa e excesso de interesse político de São Paulo.

Mas, a história é composta também de circunstâncias, caprichos e surpresas.

Em 1842 irrompeu em Sorocaba(SP) a chamada Revolta Liberal, cuja conexão com a Revolução dos Farrapos, no (RS) colocaria em xeque a estabilidade do governo imperial.

O presidente da Província de São Paulo, Barão de Monte Alegre, negociou com os liberais da Comarca de Curitiba a promessa de assegurar-lhes a emancipação sonhada ao preço da neutralidade em face de ambos os conflitos.

Selado o acordo, passou a tramitar no mesmo ano, na Câmara o primeiro projeto de lei, com vistas a criação da Província prometida.

Sob pertinaz obstrução parlamentar da bancada paulista, o projeto fica oito anos na gaveta. Reapresentado no Senado em 1850, sofre novas emendas protelatórias.

Passam-se ainda três anos para a aprovação definitiva e a promulgação em 29 de agosto de 1853, onze anos depois da primeira proposta legislativa. Uma longa travessia por mar revolto, apesar da boa vontade do Imperador, de Monte Alegre, Itaboraí, Caxias e Carneiro Leão.

Tornara-se, por fim, realidade o sonho de João da Silva Machado, futuro Barão de Antonina, Paula Gomes, Correia Júnior, Balduino Taques e José Caetano de Oliveira, este mais tarde Barão do Tibagi, e outros tantos que se empenharam pela causa.

Decisivo e definitivo foi o impulso de Cruz Machado, Carneiro de Campos, Miguel Calmon, Carneiro de Leão, visconde e depois o marquês do Paraná, presidente do Conselho de Ministros, deputados e senadores pela Bahia e Minas Gerais.

A vitória, todavia, veio acompanhada de surpresas desagradáveis. Consciente do caráter inevitável da separação, São Paulo providenciou, às pressas, uma nova divisão administrativa e judiciária, criando a 10a.Comarca, e não a 5a. como se repete erroneamente, conforme pesquisa esclarecedora do acadêmico Luiz Romaguera Neto, nosso confrade da Academia Paranaense de Letras. Manobra anterior subtraiu São Paulo da redividida Comarca de Curitiba tirando-nos os municípios de Cananéia e Iguape.

Uma desditosa sina perseguiu a Província na área das mutilações territo-

riais.

Seis anos após a emancipação, surgiram dúvidas sobre a posse paranaense à margem direita do rio Ribeira.

Criaram-se comissões entre os dois Estados para dirimir a controvérsia quanto à linha divisória, tendo como ponto nevrálgico o acidente geográfico denominado Serra Negra. Mesmo com o laudo favorável ao Paraná, do então presidente Epitácio Pessoa, São Paulo implantou na área sub judice o Parque Estadual de Jacupiranga, perfazendo a política do fato consumado.

Durante o governo Médici foi este credenciado pelas duas assembleias legislativas a servir de árbitro. Em face da delicadeza da questão interestadual, o presidente preferiu lavar as mãos, temeroso de que um novo confronto compromettesse a harmonia da federação.

Outro desmembramento do território paranaense deu-se em 1916, após anos de demanda com Santa Catarina. Vitorioso no Supremo Tribunal Federal, o vizinho Estado abocanhoun cerca de 28 mil quilômetros quadrados do Paraná.

Sem prestígio federal à altura, ao contrário de Santa Catarina que dispunha de ministros no governo, o Paraná viu sucumbir a tese do *utis possidetis*, que prevaleceu no litígio fronteiriço do Brasil com a Argentina, na região de Palmas e Clevelândia, decidido pelo presidente Cleveland, dos EE UU.

Os precedentes históricos, na maioria negativos, demonstram a fragilidade de nossas antigas lideranças em administrar crises territoriais.

O povo, infelizmente, tem guardado distância desses acontecimentos. Falta-lhe o conhecimento elementar a respeito da sua história que a escola lhe nega. Estuda a História Universal, a Guerra de Secessão, a Revolução dos Cravos, mas não sabe o que acontece na sua própria cozinha.

Importa-nos uma retomada de consciência da importância da revisão desse comportamento, principalmente agora quando se processa um redimensionamento curricular no sistema estadual de ensino.

Renovo minha profissão de fé patriótica nos valores cívicos que compõem o patrimônio humano deste Estado, que nunca se deixou abater pela adversidade ou pela desesperança.

Essa realidade sugere meditação. É a oportunidade de reavaliarmos o nosso papel no processo civilizatório de um novo Paraná que refloresce em avanços de modernidade e que depende do esforço de todos nós para consolidar o seu futuro.

Devemos fazê-lo em memória daqueles arautos que viveram pelo ideal da autodeterminação e fizeram da antiga Província o marco inicial de uma trajetória sofrida, mas fulgurante.

**Túlio Vargas**

Presidente da Academia Paranaense de Letras

(Palestra proferida pelo acadêmico Túlio Vargas, na Assembleia Legislativa do Estado, durante as comemorações dos 146 anos da emancipação do Paraná, no mês de dezembro de 1999.)

*Não tenho o direito de mexer na sua flauta  
e então criticar sua música.*

(Henry James, A arte da ficção)

Por mais vasta que venha a ser a bibliografia a respeito, a *Guerra do Paraguai* soará ainda como algo proibido, complicado, delicado. Cunhada de “genocídio” por CHIAVENATTO e de “grande tragédia” por POMER, pode ser vista também como a “guerra do fim do mundo”, título dado por Vargas Llosa a um livro sobre a campanha de Canudos - aquele confronto entre o exército da República e os seguidores de Antônio Conselheiro, na Bahia. Os motivos para justificar tais eventos, ou fatos, podem ser os mais diversos, mas o fim é sempre o mesmo: a destruição total de um povo, de um sonho, de uma comunidade, de um país, não importando os meios e as armas. Solano López morreu como um pobre miserável, feito um cavalo com as pernas quebradas, um animal indefeso, encurralado nos fundos de uma gruta.

As grandes obras da literatura universal seguem os caminhos de um canhão de luz - quanto mais se distancia de si mesmo, mais abrangente. Fernando Pessoa sabia que em outras aldeias havia outros rios ... A história da Guerra do Paraguai repete as grandes tragédias da humanidade, marcadas por intrigas, interesses econômicos e políticos, inveja, disputa cega pelo poder, a destruição total do inimigo, do concorrente. Diria que é a expressão maior da brutalidade, do descontrole total: soldados de um exército de uma nação atirando e matando crianças inocentes de um país vizinho, quase irmão, sem compaixão, sem remorsos. Quem vai contar a respeito das dores de um pobre soldado, perdido no meio das trincheiras, que não queria fazer a guerra? Um romântico? um general em sua tenda? um historiador de direita? de esquerda? um sábio encastelado numa academia? Numa outra oportunidade, quem sabe numa tese de doutorado, serão consideradas e analisadas as opiniões e os pontos de vista de todos.

Em seu livro *O espaço reconquistado*, Bella Josef afirma que *só através das palavras se pode lutar contra o esquecimento* (JOSEF, p. 139). Tragédias como a Guerra do Paraguai deveriam ser esquecidas para não serem repetidas. Mas há sempre algo de obscuro, não explicado, escondido, proibido, que fica aguçando a mente e a memória de alguém que se propõe mais uma vez a reconstruir o passado numa nova tela, num novo quadro. E o “canhão de luz” avança um pouco mais e os novos dados são assustadores.

Em obras como *Avante, soldados: para trás*, de Deonísio da Silva, *Genocídio Americano - a Guerra do Paraguai*, de Júlio José Chiavenatto e *A Guerra do Paraguai - a grande tragédia rio-platense*, de León Pomer, a Literatura e a História andam juntas. Não há fronteira entre o texto ficcional e o histórico-ensaístico. Há, sim, convergência. A palavra do ficcionista se confunde com a do historiador e a do ensaísta e vice-versa. O universo imaginário, ficcional e o panorama histórico da época da guerra ora transparecem nas palavras do Historiador, ora nas do Poeta. O primeiro pela objetividade, pelo compromisso com uma verdade, alguns fatos, pela versão de vencedores e vencidos. O segundo, pela subjetividade, pela singularidade, por um modo de ver e de narrar únicos. Narrar e opinar a respeito dos fatos, das atitudes e dos pensamentos, tanto dos comandantes como dos comandados, são ações simultâneas. Todos insistem em afirmar que a Guerra do Paraguai foi uma coisa absurda, inaceitável, inexplicável, uma página negra na história da humanidade. A América Latina não precisava dela.

Em *Avante, soldados: para trás*, o ponto de partida, o pano de fundo é a *Retirada da Laguna*, mas o “canhão de luz” dirige-se ao grande cenário da guerra: os grandes interesses políticos e econômicos, nacionais e internacionais; as reflexões e os pesares dos soldados e dos comandantes menos graduados - aqueles que estão nos campos de batalha. *Aqui*, o Historiador apresenta alguns fatos, alguns episódios curiosos dos tempos da guerra e o Poeta revela um novo imaginário, as imagens marcadas pelo humor, pela crítica refinada, muitas vezes na voz de Mercedes, destacando a bravura dos paraguaios, expondo o exército do Império do Brasil muitas vezes ao ridículo, em situações como a que segue: *O comandante ordenou AVANÇAR! Ninguém avançou. Todos marcharam para trás, fugindo do inimigo* (p. 117). Nesta obra, Deonísio da Silva transita constantemente entre o narrar e o opinar. A guerra vai muito além do matar e do morrer. Há a fome, as doenças, o desespero, a incerteza, a confusão e há o amor entre Mercedes e Camisão.

Os soldados inimigos parecem fantasmas. Ninguém tinha certeza dos motivos e dos objetivos. Todos foram jogados dentro de uma guerra que ninguém desejava, a não ser as elites. *Cuidado com as palavras. Vamos usar um termo militar, concorda? A sociedade não haverá de aceitar que fugimos* (p. 176). A versão da história da guerra deveria ser a das elites. O soldado sabia disso e calava, mas a consciência não deixava: *Escreva que o soldado brasileiro, podendo, fugia. Pois era escravo e estava ali para morrer no lugar dos brancos...Mas escreva também que os brancos morriam na frente de batalha. Não tome partido. Escreva tudo...Escreva que 800 morreram de cólera. Escreva que abandonamos 122 coléricos num bosque que...* (p. 178). Eis um dos lados da guerra, vista por dentro, ou a palavra lutando contra o esquecimento - a humanidade deve lembrar-se das coisas belas, não se esquecendo das tristes.

Num dos extremos do livro, o soldado, dentro da guerra, e no outro, os políticos, aqueles que *tramam acordos e desacertos no bem-bom dos recintos dos senados, câmaras e cortes. Mas quem executa uns e outros somos nós, nos campos de batalha. Eles parlamentam, nós guerreamos* (p. 173). Mas é bom lembrar que as opiniões e os pontos de vista vêm sempre do lugar de onde estamos olhando.

Na “Apresentação” do livro, Flávio Loureiro Chaves ressalta a presença do escritor/soldado, cujo discurso *nasce da perplexidade diante do que é o homem e a humana condição e, por isso, se desenvolve num complexo jogo de interrogações, de contrastes, de paradoxos* (p. II). É a revelação de mundo fragmentado. É, ao mesmo tempo, *morte e sobrevivência da palavra*, como quer Octávio Paz. Ser soldado e escritor significava *captar a essência secreta das coisas, não copiar a aparência*, que é a verdadeira função da arte, segundo Aristóteles. A trajetória percorrida pelo escritor/soldado se dá então ao contrário, ou “a contrapelo”, como quer Walter Benjamin. As engrenagens que movem o mundo estão acima das vontades individuais - não há cronologia ou linearidade que resista a um mundo estilhaçado pelo impacto da violência (CHAVES, 1988). Os soldados *não enfrentam um inimigo humano, visível, palpável, um exército de carne e osso. Enfrentam contingentes de sombras* (SILVA, p. 19).

O texto de Deonísio da Silva não é um “acerto de contas”, nem algo rancoroso. O narrador, escritor/soldado, sabe muito bem quando deve “se envolver” e quando “olhar de longe”. Tem muito de singeleza e de afago àqueles pobres diabos jogados nos campos de batalha, principalmente paraguaios e negros brasileiros.

No livro *Genocídio americano - a Guerra do Paraguai*, de Júlio José Chiavenatto, só o título já é bastante revelador - há mais drama, mais apelo, mais

cobrança no sentido “tem que se fazer alguma coisa... um ajuste de contas...as injustiças e as barbáries praticadas contra o Paraguai não podem ficar impunes”, e assim por diante. A época da redação e publicação da obra talvez explique e justifique. Num outro extremo, estão os dados, os números, os quadros de antes e depois da guerra, como o que reproduzimos abaixo:

|                                                          |                |
|----------------------------------------------------------|----------------|
| <i>População do Paraguai no começo da guerra.....</i>    | <i>800 000</i> |
| <i>População morta durante a guerra .....</i>            | <i>606 000</i> |
| <i>População do Paraguai após a guerra .....</i>         | <i>194 000</i> |
| <i>Homens sobreviventes .....</i>                        | <i>14 000</i>  |
| <i>Mulheres sobreviventes .....</i>                      | <i>180 000</i> |
| <i>Homens sobreviventes menores de 10 anos .....</i>     | <i>9 800</i>   |
| <i>Homens sobreviventes até 20 anos .....</i>            | <i>2 100</i>   |
| <i>Homens sobreviventes maiores de 20 anos .....</i>     | <i>2 100</i>   |
| <i>(...)</i>                                             |                |
| <i>Mulheres paraguaias ao começo da guerra .....</i>     | <i>400 000</i> |
| <i>Mulheres paraguaias mortas durante a guerra .....</i> | <i>220 000</i> |
| <i>Mulheres paraguaias sobreviventes .....</i>           | <i>180 000</i> |

Quando à participação de mulheres paraguaias na guerra, lemos em Avante, soldados: para trás: os soldados que se moviam nas sombras não eram soldados. Eram soldadas (p. 29).

Na obra de Júlio J. Chiavenatto encontramos também uma certa preferência pelo exército e pelo povo paraguaio e seus comandantes. O autor destaca a bravura, a lealdade e a resistência do exército de Solano López, denunciando as crueldades e as carnificinas praticadas pelos exércitos da Tríplice Aliança. Aqui, a Inglaterra surge como o Grande Irmão, comandando os destinos, financiando praticamente tudo - através dos empréstimos vai assegurando o domínio e o controle dos três países, e do dizimado Paraguai. A Inglaterra é vista assim também no livro de León Pomer.

Genocídio Americano - a Guerra do Paraguai é lançado em 1979. Em 1983 alcança a 16. edição. Esses anos são anos de muita sede no país. A liberdade é a busca da nossa história, a leitura de escritores malditos, de obras de versões a “contrapelo”. E mais ainda, a leitura de tais obras provocava ainda uma certa comoção. Havia ainda a esperança de mudar os rumos do país e acreditava-se numa possível revolução, viesse de onde viesse, mas ninguém, já, tinha certeza de nada.

Os dados apresentados por CHIAVENATTO são reveladores, assustadores e alarmantes. Reveladores quando falam dos projetos do Governo Paraguuaio para o país: *enquanto nos países do hemisfério sul perdia-se tempo em debates estéreis sobre liberdade, liberalismo, El Supremo entendia que esses arremedos libertários eram apenas um escapismo formal que não levava a nada positivo* (p. 20). O que se pregava em altos brados por aqui era que o soldado deveria ir para a guerra com o propósito de destruir um inimigo perigoso, com seus chefes, seus soldados, seus ideais. A fama que se espalhava a respeito de López era que ele não passava de um “bárbaro”, um “infame”, um “tirano”, um “terrorista”, um “ditador”. A “barbárie” já havia começado com Francia que estava *organizando uma nação livre e demonstrando que é possível sobreviver sem a submissão a interesses estrangeiros e sem sustentar uma oligarquia parasita* (idem).

Na mesma segunda metade do século XIX, José Veríssimo, na obra História da Literatura Brasileira, afirmava que *não há matéria que dispense novos estudos. Existe, em qualquer uma, lugar para outros labores* (VERÍSSIMO, p. 33).

No caso deste ensaio, *A Guerra e a Literatura*, a base, o pano de fundo são as palavras de ensaístas, historiadores, críticos, analistas e a obra de um ficcionista. O trabalho é de paciência, de seleção e de escolha do melhor, mais interessante e mais definitivo modo de narrar, de dizer as coisas. CHIAVENATTO constrói seu imaginário dos tempos de Francia até a morte de Solano López. Quanto mais crescia o Paraguai, mais cresciam o ódio e a inveja dos seus inimigos. Como para os romanos era preciso destruir Cartago (*Dellenda est Cartago*), para as elites brasileiras, argentinas e inglesas era preciso destruir as idéias de Francia, de Solano López, destruindo o país inteiro. Observando o quadro apresentado anteriormente sobre a população do país, antes e depois da guerra, podemos entender um pouco dos mecanismos usados pela Tríplice Aliança e pela Inglaterra em nome dos seus objetivos.

Nesse trabalho de elaboração da obra, tanto nos ensaios como na ficção, a fronteira entre História e Literatura, *...não separa; antes determina o ponto de convergência onde podemos observar a unidade da obra literária...Há pois um momento privilegiado em que as paralelas se cruzam e a ficção imaginária ilumina a realidade insatisfatória que lhe deu origem* (CHAVES, p. 9). Ou seja, a convergência entre a História e a Literatura é o ponto de partida, o guia, a câmera que espreita o escritor, aconselhando-o a transitar tanto pelos caminhos da emoção e das impressões pessoais, como pelos da razão e da consciência de uma realidade fragmentada. Reconstruir o imaginário da guerra do Paraguai é reconstruir a história da própria humanidade.

Já nos tempos de Francia, El Supremo, segundo CHIAVENATTO, o Paraguai estava livre do burocratismo que mina outros estados sul-americanos (p. 21). O que significava progresso e segurança era transformado em barbárie por seus inimigos. Se o Paraguai estava livre desse “burocratismo que mina”, o Brasil é nesse período, um gigante anêmico. Seu povo é formado da forma mais deprimente...Era um povo que apenas trabalhava, jamais participava - nem política, nem economicamente. A máquina burocrática do Império, formada pelos parasitas apaniguados da nobreza, era corrupta em todos os níveis (CHIAVENATTO, p. 61)

Para o imperialismo inglês, era preciso destruir e substituir a pequena engrenagem que não se ajusta à máquina (idem, p. 80). Essa “pequena engrenagem” era um pequeno e minúsculo país da América Latina que pensava, trabalhava e prosperava, graças à participação de todos, o Paraguai de Francia e dos López. Estrategicamente, o império inglês arma o Império do Brasil com o fim único e último de destruir o país vizinho. Assim, começa a falar a “verdadeira diplomacia” e Solano López passa a ser alvo de uma campanha que vai nortear toda a propaganda da guerra: *barbaro, Átila das Américas, ditador implacável, etc. O regime paraguaio começa a ser apresentado como a mais suprema forma de desrespeito humano* (idem, p. 101). Essas versões circulavam nos meios e nos altos escalões, comandos e interesses. Como podemos observar em *Avante, soldados: para trás* - os soldados iam para a guerra, lutavam e morriam, cumprindo um ritual como almas penadas, como fantasmas: *não enfrentam um inimigo humano, visível, palpável, um exército de carne e osso. Enfrentam contingentes de sombras* (p. 19).

Quanto ao que foi afirmado no início deste ensaio, não fizemos mais que parafrasear León Pomer: *o assunto ainda sofre o peso de tabus, proibições, idéias estereotipadas e um aparente desinteresse, como se tudo já tivesse sido dito. Na realidade, porém, acontece o contrário: tudo ainda está por ser dito* (Nota para a edição brasileira, p. 6). Estas palavras remetem às de José Veríssimo: *não há matéria que dispense novos estudos. Existe em qualquer uma, lugar para outros labo-*

res (p. 33).

POMER, além de construir um quadro dos horrores da guerra, constrói um perfil do maior financiador e interessado na guerra, a Inglaterra: *a Grã-Bretanha nem sempre abriu mercados a tiros de canhão; soube combinar habilmente carícias e agressões* (p. 17). As agressões, contra o Paraguai, e as carícias para brasileiros, argentinos e uruguaios, com empréstimos e financiamentos que minam essas três economias até hoje. A respeito da Argentina, lemos: *a Argentina endividada - a catarata de empréstimos se desencadeia uma vez terminada a guerra* (p. 303). E ao Brasil: *a guerra contra o Paraguai deixa o Brasil mais endividado do que nunca; sua dependência é maior e grande parte de sua riqueza se encaminha anualmente para as ilhas britânicas. O único e verdadeiro beneficiário é a Inglaterra, além disso é óbvio que algumas migalhas caíram em mãos de um reduzido núcleo de brasileiros. Também a fidelidade do laçoio deve pagar-se* (idem). Quanto ao Uruguai, o autor apenas informa *que não está melhor* (idem).

Nessa “grande tragédia rio-platense”, o autor não trabalha com tabelas, quadros e números a estilo de CHIAVENATTO. Suas palavras traduzem as mesmas atrocidades: *a guerra do Paraguai acaba quando os aliados mataram a todos os paraguaios acima de 10 anos* (p. 282), ou, *o resultado da guerra foi excelente para os particulares que lucraram direta e indiretamente com o fornecimento dos exércitos; criadores, industriais e fornecedores, todos lucraram* (p. 281). Mais adiante, o autor resume em poucas linhas o novo quadro: *mas o que importa é que a paz impera na terra guarani, e com ela a deusa mercadoria e um novo deus: o capital financeiro internacional. O Paraguai era vítima do imperialismo, etapa superior do capitalismo*”(p. 301).

As últimas palavras ficam com os três autores, finais em seus livros:

*Os historiadores de qualquer país que se ocupam da guerra, não deverão se esquecer que os homens que deram seu sangue nos campos de batalha, dificilmente tiveram clara consciência do complexo de impulsos históricos de que era agente. E mais, será necessário compreender que muitos soldados estavam absolutamente persuadidos de estar lutando por uma causa justa. De modo que historiar a guerra do Paraguai não equivale forçosamente a demonstrar autênticas glórias guerreiras por perseguir a compreensão do que está além da fachada* (POMER, P. 324).

*Resta um país mutilado, castrado, que nunca mais pôde erguer-se: mataram o Paraguai literalmente - exterminaram 96,58% da sua população* (CHIAVENATTO, p. 164).

*Conforta o homem de letras saber que disfarça a morte com esses frágeis signos incrustados no papel. E que a imortalidade dos escritores talvez semelhe a dos bichos. O gato que olha enquanto escrevo é o mesmo há milhares de anos, ainda que a domesticação tenha alterado um e outro traço, aguçado esse e*

aquele sentido...Basta: de tanto perguntar, arrisco-me a ser ninguém. Já é hora, portanto, de em silêncio retirar-me desta página" (SILVA, pp. 218-19).

**Ildo Carbonera**

Professor, músico, membro fundador da ACULFI,  
autor dos livros *Comunhão & Só* e *A lua e os bares*)

## BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *História e Literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988.
- CHIAVENATTO, Júlio José. *Genocídio Americano - A Guerra do Paraguai*. Brasiliense, 1986.
- JOSEF, Bella. *O espaço reconquistado*. São Paulo: Ática, 1974.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- POMER, León. *A guerra do Paraguai - a grande tragédia rio-platense*. São Paulo: Global Editora, 1980, Série Passado & Presente - 7.
- SILVA, Deonísio da. *Avante, soldados: para trás*. 3.ed., São Paulo: Siciliano, 1992.
- VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. 4.ed., Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981.

\* Ensaio elaborado a partir de projeto de pesquisa, desenvolvido na UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu.

## "Soy, brasileña, senhor, gracias a Dios"

*O texto a seguir foi extraído do livro "Obrageros, Mensus e Colonos - História do Oeste Paranaense, de Ruy Christovam Wachowicz".*

"As evidências da ausência de brasileiros e consequentemente da cultura brasileira são freqüentes, principalmente a partir da década de 1920. O isolamento das fronteiras brasileiras, notadamente na região das barrancas e a ineficiência dos poderes públicos para sanar estas deficiências, provocavam o início de manifestações por parte da *intelligentzia* brasileira, no sentido de se enfrentar o problema. Um jornal curitibano denunciava em 1928, que o brasileiro sofria do chamado *mal territorial*. Territórios infindáveis levavam os brasileiros a não se conhecerem a si próprios. Tais circunstâncias favoreciam, nas regiões limítrofes, a imposição, pelos estrangeiros, de seus usos, costumes e até de seu próprio idioma.

De fato, o chamado *mal territorial* isolava a região das barrancas do Paraná do restante do país. Um ministro do Império Austríaco, que em 1926 chegava a Foz do Iguaçu via Ponta Grossa, informou que toda esta vasta região estava praticamente despovoada e que somente a cada 90 ou 100 quilômetros, era que se encontrava *uma propriedade de polaco ou de algum índio civilizado*.

Nesse mesmo trajeto, o Secretário de Estado do Paraná, Cezar Prieto Martinez, constata em 1924, pouco antes da revolução, a existência de grande

influência argentina e paraguaia. Segundo esse Secretário de Estado, já a partir de Guarapuava em direção a Foz do Iguaçu, evidenciavam-se cada vez mais as influências platinas. Calendários de parede, propagandas de casas comerciais, avisos das companhias de navegação, reclames de produtos industriais estavam fixados nas paredes das bodegas e casas comerciais, em castelhano. Os que trabalhavam na construção e conservação da estrada de rodagem, eram paraguaios. Esta influência acentuava-se a partir da localidade de Catanduvás. *Entro em casa de negócio para tomar informação. O caixeiro responde-me em espanhol.* Logo em seguida, no seu trajeto, Martínez encontrou uma turma de peões que trabalhavam na conservação da estrada. Alguns usavam boina vermelha na cabeça, uma faixa larga da mesma cor na cintura, onde estava enfiado enorme facão, sem bainha.

Atravessando o rio Tormentas, a comitiva de Cesar Prieto Martínez penetrou no município de Foz do Iguaçu. Encontraram ali um povoado chamado Salto, *bairro de paraguaios.*

De Salto a Cascavel nada existia, a não ser galhos na estrada. Esta última localidade possuía na ocasião apenas cinco casas, ao longo do caminho. Deste ponto em diante, começavam os grandes domínios das *obrages*. A primeira, bem próxima de Cascavel, era a empresa Barthe. Todas as informações fornecidas no Depósito Central, sede da mesma, foram dadas em espanhol.

*Pelo caminho, a partir do Depósito Central, encontramos turmas de paraguaios, sempre de faixa vermelha e facão sem bainha que cuidavam de reparos (...) Dentre os informantes encontramos uma mulher a cavalo, com um pequeno de 8 anos. O animal espantou-se e a cavalheira salta, com agilidade, segurando as rédeas. É um tipo perfeito de cabocla brasileira, que nos responde em espanhol. Duvidamos de sua origem e inquirimo-la: sorri, mostrando em fileira de dentes alvos e nos diz com visível satisfação – Soy brasileña, señor, gracias a Diós, pero como me crié entre paraguayos (...).*

Uma professora curitibana, que havia sido destacada em 1928 para Guaíra, relatou que um pequeno aluno brasileiro, perguntou-lhe em legítimo castelhano: *Señora, ¿es lindo el Brazil?*. O jovem aluno, de primeiras letras, ignorava que Guaíra também era Brasil, julgava estar no Paraguai.

Em Foz do Iguaçu, o português era falado apenas pelos funcionários públicos. Lima Figueiredo informa ainda que os sermões na localidade, em 1937, eram proferidos em português, guarani, castelhano, alemão e polonês, para satisfazer as nacionalidades ali representadas.

Se as línguas mais utilizadas eram o espanhol e o guarani, o mesmo ocorria com o dinheiro circulante. O predomínio do peso argentino era total e absoluto. O comércio só se utilizava do peso argentino, inclusive o de Foz de Iguaçu. O mil réis, era praticamente desconhecido. Quem possuía algum em casa, *guardava de lembrança*. O dinheiro brasileiro não possuía valor algum. Ninguém o recebia, as próprias instituições brasileiras, como o correio, a prefeitura ou a receita, quando precisavam remeter a verba respectiva para Curitiba, enviavam inicialmente o peso argentino recolhido dos contribuintes ou usuários, para o consulado brasileiro em Posadas. Ali, o consulado brasileiro convertia o peso para a moeda corrente brasileira, para em seguida ser o mesmo remetido para Curitiba. A própria Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu recebia as taxas e os impostos municipais em dinheiro argentino. O primeiro cartorário de Foz do Iguaçu também informa que o dinheiro circulante era só estrangeiro.

*No fim do mês, quando tínhamos que recolher o dinheiro para o Tesouro Nacional em Curitiba, tínhamos que fazer o câmbio do peso para a nossa moeda corrente.*

*Ocupávamos (então) o cônsul brasileiro em Posadas, os Comandantes de navios, o Dr. Schimmelpfeng, o serviço da Mate Laranjeira, o cônsul argentino aqui, todos faziam o câmbio para nós."*

## Cultura, uma questão de valores

Aos poucos vamos mudando a idéia daquilo que nos condicionamos chamar de cultura. Na beirada de um novo século, quando a reviravolta das coisas têm sido tanta que até as “Bananas de Pijama” se perderam no fim da fila, depois que os “Teletubies” chegaram a largar na frente, até que o “Pokémon” virou a mania da vez para quem nunca ouviu falar de “Vila Sésamo”.

Mas e aí, o que isso tem a ver com as ações da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, propósito desse artigo? Tudo, porque se o nosso “amigo” Aurélio diz que cultura é o complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade e é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores, é mais ou menos por aí que se engrenam o planos traçados por Nanci Rafagnin Andreola, diretora presidente da instituição.

Buscar parcerias, recuperar créditos e estruturar a casa foi só o começo para executar os programas que andam de vento em popa, além dos muitos outros que estão devidamente engatilhados. Contribuir para mudar o perfil cultural deste povo é apenas um dos motivos para içar o fio de uma meada de pura produção cultural tomando conta de cada canto. São vários segmentos, como a música, dança, artes plásticas e teatro, presentes na vida de centenas de pessoas, através de cursos permanentes mantidos nos vários espaços culturais – agora sendo instalados nos bairros mais populosos da cidade. Além do Carnaval e da Fartal - Feira de Artesanato e Alimentos, outros eventos enfatizam programas direcionados, como a literatura no Prêmio Cataratas de Contos e Poesias, que movimentou escritores de todo o Mercosul. Além do projeto “Mulher, Arte e Poesia”, na Semana Literária, que depois de Monteiro Lobato, este ano homenageará Vinícius de Moraes, apresentará a montagem do musical infantil “A Arca de Noé”, apresentada pelos alunos do curso de teatro da Fundação, e o Coral Municipal de Foz do Iguaçu que promoverá uma verdadeira ode ao poeta no espetáculo “Contando e Cantando Vinícius”. Não podemos esquecer do Festival Intercolegial de Peças Curtas, movimentando o Teatro Barracão – que acaba de passar por uma senhora reestruturação, sendo totalmente reformado –, na maior concentração de artes cênicas por metro quadrado. Ah, se esse espaço fosse maior para poder falar das atividades da Orquestra Municipal; da Banda, que está gravando um CD composto por hinos; do Projeto Memória, definitivamente resgatando a história da cidade, e muitos outros, que vão ficar para a próxima oportunidade.

Quando se pára para pensar em tudo que está sendo feito, chegamos a conclusão que, de um modo ou de outro, agradando gregos e convencendo troianos, podemos dizer, despretensiosamente, que quando o assunto é promover cultura, estamos além do meio do caminho, aliás bem mais adiante se pensarmos que tudo é uma questão de valores.

**Douglas Dias**

Membro da ACULFI



*Acorda, acorda, singular gigante!  
Milhões de abutres rondam teu tesouro,  
Astutamente disfarçados de  
Zelosos e leais amigos teus.  
Olhos voltados sempre, a cada instante,  
Na direção do verde que é teu ouro.  
Inveja do teu solo é o que se vê  
A reluzir no olhar dos fariseus.*

*É necessário despertar agora!*

*Não te deixes prender à penedia  
Onde o acorrentado Prometeu  
Sofreu terríveis dores dia-a-dia.  
Sublimes fauna e flora Deus te deu  
Além das águas de onde a vida aflora.*

*Horácio Ferreira Portella*

